

FLORESTAN

ANTONIO CANDIDO

FERNANDES



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Florestan Fernandes nasceu em São Paulo no ano de 1920, faleceu em 1995. Fez curso primário incompleto devido a dificuldades financeiras, trabalhou desde menino e cursou as matérias do secundário e do complementar pelo regime de madureza, diplomando-se em 1940. Mas já tinha uma bagagem intelectual apreciável, devido às leituras abundantes que sempre fez.

Em 1941 iniciou o curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), onde, em 1945, tornou-se assistente da cadeira de Sociologia II, regida por Fernando de Azevedo.

No começo dos anos 50, coordenou com Roger Bastide, por encargo da Unesco, uma importante pesquisa sobre o negro em São Paulo. Em 1953 obteve o título de livre-docente na USP.

No início do decênio de 1960 foi um dos líderes mais ativos da campanha em defesa da escola pública. Em 1964 efetivou-se como professor catedrático. Em 1969 foi aposentado compulsoriamente por aplicação do Ato Institucional nº 5, instrumento repressor da ditadura militar. Foi professor na Universidade de Toronto e na Universidade de Yale. A partir de 1977, deu aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1985 recebeu o título de professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Reconhecido como um dos maiores sociólogos do seu tempo, foi galardoado com dois importantes títulos estrangeiros de Doutor *Honoris Causa*: pela Universidade de Utrecht, em 1986, e pela Universidade de Coimbra, em 1990.

Ingressou no Partido dos Trabalhadores em 1986, ano em que foi eleito deputado federal, sendo reeleito em 1990. Faleceu em São Paulo em 1995. A sua produção é vasta, constando de mais de 50 volumes, entre os quais: *A organização social dos tupinambá*, *A integração do negro na sociedade de classes*, *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*, *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* e *A revolução burguesa no Brasil*.

Florestan Fernandes

Antonio Candido

Florestan Fernandes



Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

Diretoria

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidente: Brenno César Gomes de Almeida

Diretores: Elen Coutinho, Naiara Raiol, Alberto Cantalice, Artur Henrique, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Valter Pomar, Alexandre Macedo de Oliveira

Conselho editorial

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo, Dainis Karepovs, Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Lincoln Secco, Luiz Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira, Maria Rita Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi, Tássia Rabelo, Valter Silvério

Revisão

Candice Quinelato Baptista
Maurício Balthazar Leal
Claudia Andreotti (2ª edição)

Editoração eletrônica

Augusto Gomes
Antonio Kehl (2ª edição)

Capa

Moema Cavalcanti

1ª edição: fevereiro de 2001

Tiragem: 2.000 exemplares

2ª edição: julho de 2025

Tiragem: 300 exemplares

Candido, Antonio, 1918-2017

C223f Florestan Fernandes [livro eletrônico] / Antonio Candido. – 2. ed. - São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2025.

80 p.

ISBN: 978-65-5626-206-2

1. Sociologia 2. Biografia 3. Intelectuais brasileiros I. Título.

Fundaçã Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 234 - Vila Mariana
04117-091 - São Paulo - SP
Fone: (11) 5571-4299
www.fpabramo.org.br

Sumário

Explicação, 7

Prefácio: *A condição de sociólogo*, 9

Uma interpretação exemplar, 17

Amizade com Florestan, 26

Prefácio: *Que tipo de República?*, 33

Um grande homem, 36

O jovem Florestan, 41

Florestan Fernandes: estudante e estudioso, 47

Um instaurador, 52

Florestan Fernandes marxista, 59

Mensagem, 63

Nota final, 65

Apêndice: Um militante incansável, 69

Explicação

Este opúsculo reproduz o que saiu no ano de 1996 em caráter privado, com o título *Lembrando Florestan Fernandes*. O meu objetivo era evocar a sua personalidade logo depois da morte para familiares, colegas, discípulos e alguns amigos. Pareceu-me, então, que o cunho restrito era adequado à mágoa de todos.

Agora, passados alguns anos, reli-o e achei que valia a pena dar-lhe divulgação maior, sobretudo levando em conta que a Fundação Perseu Abramo vem realizando encontros e publicações destinados a estudar a obra de intelectuais brasileiros de corte radical. Ninguém o foi mais do que Florestan Fernandes, e a força de sua ação se junta à influência de sua obra para fazer dele um modelo de coerência ideológica e atuação política. Daí a necessidade de manter viva a sua lembrança, na sociedade, nas escolas, nas agremiações de esquerda.

Para deixar clara a natureza despretensiosa e afetiva deste opúsculo, transcrevo o texto que o abria, datado de maio de 1996.

Esta coletânea, em edição particular de cem exemplares destinados a distribuição restrita, é uma homenagem à

memória do grande homem que foi Florestan Fernandes, meu amigo por mais de meio século e, durante alguns anos, meu companheiro de trabalho. A matéria que a compõe é toda de circunstância, do tipo prefácio, resenha, discurso, testemunho; e o leitor estranhará provavelmente a ocorrência de repetições, de um para outro texto. Mas há certas coisas que é preciso dizer a fim de caracterizar um homem, sendo portanto impossível deixar de reiterá-las nas diferentes ocasiões em que falamos dele. Em todo caso, peço desculpas pela monotonia resultante.

Quero dizer que reuni estes textos pensando afetuosamente na família de Florestan, à qual os dedico: sua senhora, Miriam Rodrigues Fernandes; seus filhos, Heloísa, Norma, Beatriz, Sílvia, Miriam Lúcia, Florestan, bem como aos seus respectivos cônjuges e filhos.

Isto posto, informo que acrescentei em Apêndice a minha participação na mesa redonda “Florestan militante”, realizada em 12 de agosto daquele ano no quadro da semana de estudos que lhe foi consagrada no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo. Não é um texto redigido previamente, mas o registro de uma fala, baseada em notas e transcrita pelos organizadores, com minha revisão. Apesar de conter matéria que aparece noutros escritos do opúsculo, e apesar de irregularidade devida ao tom coloquial, achei que a sua inclusão se justificava por aludir a certos aspectos menos conhecidos da juventude de Florestan Fernandes.

Antonio Candido de Mello e Souza
São Paulo, janeiro de 2001

Prefácio:

*A condição de sociólogo**

Este pequeno livro espelha o seu autor de maneira realmente extraordinária. No fluxo natural da entrevista, Florestan Fernandes deixou correr o pensamento com uma sinceridade e uma precisão que o mostram a cada instante na sua realidade pessoal mais viva, cujo ritmo nervoso e certo o leitor acompanha fascinado. É como se a fala comunicasse o próprio som ao que é palavra escrita, quebrando o que há de factício nos textos preparados, conservando a espontaneidade do colóquio, que nem por isso é menos rigoroso e penetrante.

Sou amigo de Florestan há mais ou menos 35 anos. Fomos companheiros de trabalho, dia a dia, durante uns 15; e temos uma intimidade sem reservas. Por isso, posso dizer como este texto é vivo enquanto expressão do seu modo de ser intelectual e manifestação lúcida das suas ideias. Das suas ideias, vistas nas diferentes etapas de uma vida fecunda, como não há outra mais fecunda no Brasil do nosso tempo.

* Prefácio a FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo, Hucitec, 1978.

Acho justas as suas reflexões sobre o significado e o papel da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde nos formamos, eu em 1941, ele em 1943, na fase heroica das aulas em francês e da transplantação mágica de cultura, que ele descreve tão bem. Os professores jogavam sobre nós o seu saber europeu, sem se preocuparem se estávamos ou não entendendo, a começar pela língua. Nós, entre deslumbrados e atarantados, íamos devorando aos pedaços.

Florestan sempre deu uma importância capital à fundação da Universidade e da nossa Faculdade. Mas talvez seja meio injusto quando a compara com o movimento modernista. São coisas diferentes, com funções históricas diferentes, e não podem ser comparadas como ele faz. Ele fala do modernismo como se fosse uma empresa de cunho político e cultural que não correspondeu ao que se esperava; e é sintomático que lembre Mariátegui em detrimento dos nossos escritores daquela vanguarda. Ora, Mariátegui era um político, um militante de esquerda, um líder de alto porte, que era também escritor. O seu alvo era outro. Creio que Florestan minimiza a carga específica de fantasia e liberdade criadora que são fundamentais no domínio da arte e da literatura, e que devem constituir a pedra de toque para avaliar movimentos como o modernista, em cujos participantes o papel ideológico e a ação prática são por assim dizer subprodutos.

Mas este parecer meio desfocado vale muito como revelação da sua natureza intelectual, voltada apaixonadamente, sem meias medidas, para os interesses da coletividade – porque um dos seus alicerces é a convicção de que o intelectual tem deveres públicos imperiosos. Sendo um homem de gosto artístico apurado e juízo estético seguro, Florestan tende, no entanto, a encarar a literatura em função dos seus interesses intelectuais dominantes – o que é, aliás, uma das suas forças. Veja-se, neste livro, o uso brilhante e exato que faz, de passagem, dos romances

do Ciclo de José, de Thomas Mann. Sempre me impressionaram nele a vastidão e a variedade das leituras, bem como o senso artístico; mas, ao mesmo tempo, a capacidade de fazer confluir a sua experiência de leitor e fruidor de arte para esclarecer melhor o seu pensamento de sociólogo e político. Nele, predomina o que eu chamaria a paixão pública, predominam as convicções científicas e políticas intimamente associadas, marcadas por um senso de militância que nunca cessa e tem sido a linha de coerência da sua vida – como aparece bem neste livro.

Um militante de tipo especial, absorvente mas também aberto, intransigente na luta mas tolerante com as ideias diferentes, teimoso e de repente cordato, o que lhe permitiu forjar instrumentos mentais de pesquisa e interpretação dotados da mais ampla flexibilidade. É bonita, neste depoimento, a maneira por que descreve como se formou a sua maestria teórica e metodológica; como foi passando pelos temas de estudo até alcançar uma visão completa da sociedade; como elaborou os seus conceitos sem preconceito, adotando com liberdade os elementos necessários para construir uma visão pertinente e atuante. Em todas essas etapas, sentimos o ânimo político no sentido mais amplo, a constante referência aos problemas e necessidades do seu país e do seu tempo.

A fusão íntima da eminência intelectual e do serviço militante, sob a égide duma intrepidez sem limites, conferem a Florestan Fernandes um toque de grandeza. Não há grande homem sem serviço aos homens, sem a prática da tarefa de servir ao seu tempo, tornada possível por uma conjugação especial, quase indefinível, de expansão dominadora do ego e dedicação total a metas fora dele, podendo às vezes levar à sua anulação. Autorreferência sem egoísmo, sacrifício sem passividade, orgulho e humildade, força e brandura. Esses arranjos difíceis, que se realizam nos maiores, encontram-se em Florestan.

O leitor deste livro notará a naturalidade com que ele fala de si e indica as suas realizações, aquilatando o próprio valor, definindo a natureza do que fez, sem falsa modéstia e sem vaidade. Notará como alcançou aquela serenidade rara que permite falar de si ao mesmo tempo com orgulho e desprendimento – como se falasse ele, mas simultaneamente também um outro, que verifica e avalia. Esta posição-chave é consciência de si e consciência do outro; autoafirmação e autodespojamento. Assim como na poesia de Mário de Andrade o Eu que fala é um ser individual mas é também o Brasil, reversivelmente ligados, no depoimento de Florestan a sua realização pessoal e a realização do seu mundo intelectual ou, se quiserem, a realização dele e a realização dos outros se fundem num único movimento.

A construção de um mundo intelectual, a partir do seu universo pessoal e com referência ao meio, foi uma das obras mais importantes de Florestan. Quem conhece a sua história, no quadro da história institucional em que ela se insere, pode avaliar o que ele significou para o pensamento e a difusão do espírito científico no Brasil. Ele foi o fulcro, o pivô à cuja volta girou toda a evolução da sociologia brasileira. Foi ele quem – pelo exemplo, pelo ensino e pela ação – tornou preponderante e irreversível, aqui, a era científica da sociologia, concebida não apenas como produção de cada um, mas como padrão de trabalho, concepção de vida, ética intelectual e esforço coletivo.

Embora sejamos quase da mesma idade (eu, dois anos mais velho), a minha fornada de Faculdade ainda veio com traços fortes de amadorismo e gosto do saber pelo saber. É verdade que sempre houve, nela e nas anteriores, vocações científicas marcadas, como, por exemplo, as de Mário Wagner Vieira da Cunha, Egon Schaden, Lucila Herrman. Mas não havia a organização científica do trabalho, naquela fase inicial em que as coisas se instalavam. Por isso, era usual que muitos vissem

na sociologia sobretudo um instrumento de visão do mundo e ingrediente para outros interesses (literatura, no meu caso). O dito feliz de Ruy Coelho exprime essas duas faces da questão: “Neste Departamento, o Florestan é uma ilha de sociologia cercada de literatura por todos os lados”.

Este livro mostra discreta mas claramente como ele revolucionou a situação. Depois dele, ficaram impossíveis no âmbito da sociologia o amadorismo, o mais ou menos e, na escrita, o ensaísmo, que sempre me seduziu. Isso porque ele mostrou pelo exemplo que o trabalho do cientista se desdobra pelo trabalho de outros cientistas; e que para isso é preciso haver plano, sistematização, esforço organizado de grupo, senso dos problemas – culminado, em seu caso, pelo senso imperioso do dever social e político. Repito, para não ser injusto: antes e ao lado de Florestan houve, na Faculdade, vocações e carreiras rigorosamente científicas; mas foi ele quem desenvolveu e consolidou o espírito e a organização científica, como condição *sine qua* para a qualificação de um sociólogo. Daí a sua influência decisiva, o papel de marco numa época, como tinham sido marcos anteriores Fernando de Azevedo, Roger Bastide, Emílio Willems, de cuja contribuição neste sentido ele foi o coroamento.

A essa tarefa de instauração científica, norteadas por uma larga visão política, Florestan se consagrou com um fervor, por vezes uma dureza intransigente, que transparecem aqui em suas linhas mestras. Ele se tornou de certo modo um órgão vital da Universidade, um dos seus centros mais vivos e atuantes. Por isso, a carreira foi para ele uma identificação essencial, como registra neste livro de maneira comovedora. Por isso, ele e outros que formou adquiriram uma liderança que incomodou os poderes do mundo e levou à sua exclusão arbitrária, no momento reacionário e brutal das exclusões. Como ele estava fundido na instituição, a ferida foi profunda em ambos. Quando se fizer de

verdade o relato desse triste período em que vivemos, e se puder desnudar inteiramente a brutalidade obscurantista da repressão, o caso de Florestan e seus colegas ressaltará como signo do tributo que o intelectual consciente paga pela sua coerência e pelo seu caráter de representante do que há de melhor no momento. Do tributo cobrado ao vigor crítico e ao penacho branco.

Neste livro, há muita coisa que me toca e desperta o desejo de comentar. Em verdade, quase tudo; e ainda mais o que está nas entrelinhas e alguns, como eu, decifram melhor. Mas comentarei apenas um ou dois tópicos dominantes.

Primeiro, a clarividência e a coragem com que Florestan define a sua posição metodológica, mostrando a diferença de requisitos entre a análise sincrônica e a análise diacrônica, para desta forma demonstrar a legitimidade dos procedimentos de cunho funcionalista, desde que associados ao senso dinâmico da estrutura (conceito cuja descoberta, por meio de Radcliffe-Brown, foi um dos impactos em nossa geração). Ao mesmo tempo, mostra o papel e os limites do método dialético, que se recusa a encarar como panaceia ou pé de cabra.

Quando éramos alunos, foi decisiva em nós a influência das aulas admiráveis em que Paul Arbousse-Bastide estabeleceu a distinção entre método, processo e técnica. Florestan as evoca, e de fato elas devem tê-lo ajudado a compatibilizar, ou alternar, orientações metodológicas diversas, de maneira a obter procedimentos adequados à realidade e ao seu enfoque, sem cair no ecletismo ou naquela conciliação superficial de boa vontade morna, que ele comenta.

Talvez esse tipo de reflexões me toque, não apenas pela sua importância, e pela maneira exemplar por que é tratado aqui, mas porque vi nascer, dia a dia, a cadeia de preocupações e raciocínios que levaram Florestan às suas posições pessoais. Naquela altura, ele ansiava por encontrar respostas a tais questões

e por isso teimava em aproveitar ao máximo o tempo, lendo e refletindo onde quer que estivesse: no estribo dos bondes, nos corredores da Faculdade, bebendo café. Tomava notas e fazia fichas na relativa confusão da nossa sala superpovoada de trabalho, carregando o cenho quando alguém queria interrompê-lo para o bate-papo nacional, que no entanto sempre cultivou com o maior prazer na hora certa. Essas fichas, essas notas, fruto de uma obsessão de estudioso inflexível, foram, primeiro, as que recolheram o material imenso relativo aos tupinambá. Depois, as que registraram a sua inquietação metodológica e teórica. Elas iam se dispondo em blocos ou rumas, matéria de seminário, primeiro esboço de livro. Tudo regido por preocupações que o levaram às soluções criadoras.

Mas o problema se complicava, porque ele sempre teve uma poderosa vocação política, no sentido amplo. Quando renunciou à militância partidária, quis canalizá-la, com firme coerência, para a vida intelectual e a atuação profissional. Como lembra aqui, nós dois passamos dias, meses e anos quebrando a cabeça, trocando ideias sobre a questão difícil de definir um relacionamento possível e adequado entre a atividade do sociólogo universitário e a militância do socialista; de harmonizar exigências de objetividade na pesquisa com as da ação revolucionária. Graças à imaginação criadora, Florestan conseguiu uma solução excelente, que aparece com clareza neste livro, onde se vê de que maneira o trabalho sociológico foi cada vez mais norteado pelo senso dos problemas relevantes da sociedade e pela ativa intervenção do sociólogo em tarefas progressistas, como a campanha pela escola pública e a promoção dos estudos sobre o negro – que acabaram sendo um momento crucial na história da consciência do problema racial no Brasil. Mais tarde, e até agora, é o caso, muito discutido neste livro por Florestan, da sua reflexão empenhada a fundo nos problemas do Estado,

do capitalismo, da dependência, das classes na América Latina e no Brasil.

Tudo isso pôde ser feito porque Florestan Fernandes é e sempre foi, além de um imenso intelectual, um homem de luta, um combatente nato, cujos atos se tornam logo intervenções decisivas na realidade, provocando a paixão das adesões e o vitupério das oposições. Um militante sem repouso, tão inquieto e dedicado hoje quanto era em 1943, quando o vi pela primeira vez. Eu, no avental branco de jovem assistente; ele, ainda aluno, encostado numa janela da Faculdade, agarrado à pasta cheia de livros e devorando por todos os poros uma vida de Buda.

Uma interpretação exemplar*

Chama logo a atenção no livro de Florestan Fernandes sobre Cuba a extrema densidade, aliás habitual nas suas obras, porque ele trabalha com um máximo de informação e de reflexão, aliadas ao fervor máximo. Daí uma escrita densa que requer leitura tensa e no caso muito compensadora, porque o leitor sai dela com um conhecimento privilegiado da Revolução Cubana.

Talvez o traço principal da obra madura de Florestan seja o profundo sentido revolucionário, nutrido pela fusão entre o conhecimento rigoroso e a força da convicção. O esforço quase obsessivo de harmonizar o saber do sociólogo com a paixão política do socialista faz dos seus escritos uma vigorosa militância e leva a pensar naquele tipo de homem descrito por Vauvenargues, que, movido pela força do sentimento e marcado pelo “acordo secreto das inclinações com as luzes”, põe “em movimento todas as suas capacidades e toda a sua atividade em benefício de um objetivo único”.

* Resenha, publicada em 1981 no “Folhetim” da *Folha de S.Paulo*, de FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

Para expor a sua maneira de ver essa extraordinária manifestação do fenômeno revolucionário que é o caso cubano, Florestan remonta ao “passado colonial e neocolonial” (título da segunda parte do livro), indicando como ocorreu em Cuba algo diverso do que caracterizou a independência na maioria dos países latino-americanos: uma substituição de metrópole.

Na segunda metade do século XIX, os Estados Unidos tinham alargado sobre ela a rede dos seus interesses econômicos, e para preservá-los acabaram por frear a transformação do estatuto colonial em estatuto nacional. Cuba deslizou da “dominação colonial direta” (Espanha) para a “dominação colonial indireta” (Estados Unidos). A “Guerra dos Dez Anos” (1868-1878) e a da Independência (1895-1898), esta apoiada pela intervenção norte-americana, foram canalizadas para uma “revolução dentro da ordem” que, assegurando a permanência das oligarquias, estabeleceu entre elas e os Estados Unidos um pacto que permitiu a estes levar a cabo o que haviam começado desde meados do século: “modernizar a colonização”, isto é, ajustá-la para levá-la “até o fundo”. Com isto, Cuba não alcançou sequer o estágio de “nação em potencial”, como outros países latino-americanos, mas apenas o de “subnação em potencial”. A independência formal e tardia assegurou, não a sua libertação, mas um “destino colonial”, que Florestan estuda como neocolonialismo, analisando as causas e condições deste processo, que impediu a “criação de uma sociedade nacional”.

Ora, isto gerou por outro lado um estado de coisas que favoreceu os fermentos de luta nacional:

“O problema da independência passava a ser, de novo, uma realidade explosiva e algo a ser conquistado *a partir de e contra* a ordem neocolonial em elaboração. Portanto, a frustração das duas revoluções não elimina as lutas pela

libertação nacional. Ela apenas repõe a necessidade de travar essas lutas em um contexto histórico-social diverso e contra uma metrópole menos visível em sua orientação colonialista, mais forte internamente, por seus vínculos com os estamentos dominantes, e mais poderosa em termos da sua capacidade de dominação global” (p. 37).

As consequências disso na configuração da luta conduzida por Fidel Castro a partir de 1953 são objeto da terceira parte, “A guerrilha e a conquista do poder”, em que Florestan começa por constatar que a frustração da emancipação nacional no século XIX adiou a revolução mas não aboliu a sua força potencial. Ela eclodiu nos anos 50 com a possibilidade de criar um Estado nacional liberal, burguês, ou de criar um Estado revolucionário. Mas trazia consigo o pressuposto raro da união de classes, porque em Cuba (por causa da referida frustração) a ideia de nação tinha uma força integradora e uma capacidade dinâmica, visando como visava a superar a situação neocolonial. Por isso:

“Pela primeira vez, na história da América Latina, uma revolução nacional deixaria de dissociar o *elemento nacional* do *elemento democrático*, e ao vencer, a *ideia de nação* arrasta com ela a construção de uma *ordem social inteiramente nova e socialista*” (p. 60).

Uma conclusão como esta nos põe no centro da atitude interpretativa de Florestan, que procura ver a Revolução Cubana, não com referência a modelos teóricos elaborados fora do contexto latino-americano, ou regidos por uma visão demasiado genérica, mas relacionando-a “à especificidade da situação concreta”. O estudo anterior sobre o passado colonial e neocolonial lhe permite desentranhar com êxito os traços desta situação e

mostrar cada vez mais, a partir dessa altura do livro, o tipo de socialismo que resultou do movimento revolucionário. Inclusive apontando as alternativas descartadas, que a teriam podido levar a soluções nacional-burguesas.

A essa luz, o estudo da guerrilha ganha todo o seu relevo e significado, porque ela determinou os rumos e o próprio teor do que viria a ser o primeiro Estado socialista da América. “[...] a guerrilha e o guerrilheiro desapareceram, mas o *espírito da guerrilha* dura até hoje, identificando-se ao próprio *espírito da revolução cubana*” (p. 71). No entanto, ela só triunfou e adquiriu este significado devido aos pressupostos revolucionários que a animaram, encaminhando-a para uma teoria e uma prática socialistas. Conforme Florestan, dentro de uma perspectiva leninista graças à qual a guerrilha não teve o destino de outras, isto é, o fracasso final.

As funções da guerrilha foram múltiplas, mas ela não deve ser considerada apenas, diz Florestan, como fator de

“ressocialização da personalidade do guerrilheiro pela guerrilha e pela convivência com o campesino e suas condições concretas de existência. Sem dúvida este aspecto é fundamental, mas há outro igualmente importante (e de uma *importância política estratégica*): o que o proto-Estado guerrilheiro representou como amarramento com o poder popular e o aprofundamento antecipado da revolução. Se o primeiro aspecto explica o amadurecimento histórico do homem que vivia dentro do guerrilheiro, o segundo nos põe diretamente diante do nascimento do guerrilheiro como *homem político*. Foi graças a esta circunstância que a guerrilha operou como um equivalente social e político do partido revolucionário. O enlace antecipado com o poder popular e a concretização antecipada do que deveria ser Cuba depois da derrocada da

ordem existente constituíam um salto histórico revolucionário *sem retorno*” (p. 82).

Este trecho enfeixa quase todos os temas principais desenvolvidos nesta parte do livro e dispensa comentário maior. Ele deixa claro o específico revolucionário cubano que Florestan procura determinar, e prepara o leitor para entender tanto o que diz sobre o papel decisivo de Fidel Castro, guerrilheiro desdobrado em estadista, quanto sobre a sua decisão, ditada pela lógica revolucionária, de superar a fase de coalizão com a burguesia nacionalista. Com efeito, chega um momento em que o processo revolucionário suscita em muitos o desejo de brecá-lo, antes de consolidada a revolução na coerência irreversível dos seus termos finais. Aí surge o perigo da contrarrevolução – e impedir que esta ocorra é o dever do revolucionário, como Fidel, que levou ao seu termo, isto é, o Estado socialista, o compromisso encarnado na guerrilha, encarada em toda a sua riqueza no trecho de Florestan citado acima. “[...] no processo de conquista do poder a própria revolução social foi antecipada” (p. 85); de modo que não havia como freá-la para favorecer um retrocesso liberal, que seria a própria capitulação em face do imperialismo.

O estudo do passado e da guerrilha permite a Florestan chegar com segurança à parte mais importante do seu texto, o capítulo sobre “Economia e sociedade sob o socialismo”, ou seja, sobre o que a revolução realizou na construção de uma sociedade realmente socialista, que contém dinamicamente no bojo o processo de formação da sociedade comunista. Essa construção era a alternativa justa em face da sociedade neocolonial espoliadora, porque a única capaz de superá-la a fundo. E aqui Florestan contesta vivamente os que acham necessária, como condição *sine qua*, a fase intermédia do desenvolvimento capitalista. Nos países subdesenvolvidos o socialismo é a alternativa “direta”:

“Onde a revolução burguesa revela-se impraticável, porque a própria burguesia é incapaz de conduzi-la, ou onde a revolução de liberação nacional leva diretamente ao socialismo, a revolução socialista não ‘herda os problemas que o capitalismo não resolveu’: *ela se afirma como a única alternativa possível do desenvolvimento capitalista*” (p. 97-98).

E aí surge o grande problema: “como passar de uma acumulação capitalista neocolonial e ultrapredatória a uma acumulação socialista originária” (p. 97). O capítulo estuda de que maneira Cuba o conseguiu – descongelando o seu destino histórico, realizando “uma reforma agrária que se inscreve na história das grandes realizações que ocorreram na América Latina no século XX”, acabando com a miséria e vencendo o cerco capitalista feroz a que foi submetida (p. 98-99).

Não tenho espaço para analisar este capítulo fundamental, cheio de vistas penetrantes, inclusive a que mostra como, em Cuba, o planejamento (objeto de uma análise cuidadosa) “levou a revolução às estruturas econômicas da sociedade” (p. 109); e como ocorreu uma integração harmônica do planejamento social, do desenvolvimento socioeconômico e do controle estatal, sobre a base de uma revolução que mobilizou a fundo o setor geralmente marginalizado do campesinato, de maneira a incorporá-lo ao processo revolucionário no que teve de mais vivo, isto é, a formação, em Cuba, de uma verdadeira economia socialista, bastante generalizada para, inclusive, controlar a “crescente e contínua *estatização*” (p. 126).

Tudo isso se liga à transformação do homem, que Florestan analisa no mesmo capítulo, sublinhando a importância decisiva de uma nova filosofia do trabalho coletivo, “alfa e ômega da revolução”, pois “só ele poderia alimentar as fluxos da acumulação socialista a partir da agricultura” (p. 146), além de promover a

“irradiação das ideias-chave da vanguarda para a massa” (p. 183) Como coroamento, o admirável esforço educacional, prioritário para uma liderança de cunho largamente pedagógico. A descrição e a análise do sistema educacional – que erradicou o analfabetismo, refez, ampliou e refinou os quadros intelectuais e técnicos emigrados, estendeu extraordinariamente o ensino secundário e o superior – completam esta parte do livro, deixando claro como o pressuposto fundamental da Revolução Cubana (e ao mesmo tempo o baixo-contínuo deste livro) é a mobilização intensa da sociedade, que corrige a cada instante as tendências autocráticas da burocracia e permite forjar a democracia socialista em toda a sua força de participação coletiva.

Como acontece nas obras bem articuladas, esta acaba por uma parte que recebe toda a seiva das anteriores e, embora tratando de um problema específico (a organização do poder), faz dele o coroamento da análise e a síntese das posições do autor.

“O Estado revolucionário e o poder popular” é mais sensível que as outras partes do livro às dificuldades, aos tateios, erros e lacunas da Revolução, a partir do momento em que ela precisou ser canalizada para organizar e fazer funcionar a sociedade nova, impondo a solução de um terrível problema: a passagem da iniciativa dos grupos revolucionários para as massas. Passagem da atuação de pequenos grupos altamente conscientes e ativos, habituados ao mando, para a atuação da maioria (eventualmente todos), que precisa ser esclarecida, treinada, iniciada na vida política a fim de reger o seu destino. Neste sentido, Florestan estuda a correlação (inclusive na dimensão do tempo) entre governo revolucionário, partido revolucionário e Estado revolucionário, a caminho do socialismo, mostrando como por meio dela foi possível superar erros e buscar soluções estáveis, mas capazes de preservar o ímpeto da transformação social.

Nesta análise, não escamoteia os aspectos negativos, como a tendência ao centralismo estatal, o perigo de hipertrofia e esclerose burocrática, as falhas devidas a erros etc. Ao mesmo tempo, ressalta a força das condições positivas, sobretudo a incrível disposição do povo de construir uma ordem que desde logo percebeu ser a mais justa e adequada. E ainda a natureza especial da relação entre a liderança e as massas, encarnada nalguns homens de envergadura excepcional, dotados da capacidade ao mesmo tempo de ensinar e captar, funcionando como guias e simultaneamente mandatários, como é o caso de Fidel Castro.

Para resumir os problemas centrais da análise nesta última parte do livro, poderíamos dizer que ela aborda a necessidade de conciliar a estruturação política a partir da vontade da massa (que escolhe os dirigentes de base e institui os respectivos organismos) com a necessidade de manter o espírito revolucionário representado pelo grupo restrito dos líderes *históricos*. Estes precisam conservar a preeminência a fim de completar e desenvolver a sua tarefa, e por isso chamaram a si atribuições da coletividade; mas tentaram superar o impasse transferindo a esta muito da capacidade decisória, de modo a frear a concentração do poder por meio da iniciativa popular. O governo revolucionário “tinha de ser substituído por um organismo político que não fosse só funcionalmente igualitário e democrático, mas que se *estruturasse, funcionasse e crescesse* de modo igualitário e democrático” (p. 200).

Daí a constituição do “poder local”, alicerce da organização política revolucionária sobre o qual assentam a esfera provincial e a nacional, gerando um mecanismo de escolha das lideranças a partir da base, que guarda o poder de fiscalização permanente, com substituição a cada instante (se necessário) dos mandatários que não correspondem. Isso cria condições para desenvolver a “cidadania igualitária”, que leva ao máximo a consciência e o rendimento político do “povo trabalhador”.

Sensível à grandeza da Revolução Cubana, aos problemas de construção do socialismo e também aos seus obstáculos e erros, Florestan Fernandes elaborou uma visão cálida e realista, que faz deste livro uma leitura fascinante e um modelo de análise sociológica e política orientada pelas concepções socialistas.

Amizade com Florestan*

Falaram dois cientistas sociais, discípulos de Florestan Fernandes e alunos dos mais brilhantes que ele teve**. Agora vai falar quem nunca foi cientista social. Fui durante anos assistente de Sociologia, o que é outra coisa, mas a atividade principal da minha vida sempre foram os estudos literários. A minha posição é, portanto, diferente, e o meu testemunho se baseia no fato de eu ter sido companheiro de trabalho de Florestan, pois fomos juntos assistentes da cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Nossa amizade começou em 1943 de maneira curiosa. Naquele tempo, além de assistente de Sociologia eu era crítico literário do jornal *A Folha da Manhã*, onde publicava rodapés semanais. A crítica que eu fazia então era política sempre que possível, e eu procurava também injetar nela alguma sociologia. Certo dia recebo a longa carta de um moço chamado Florestan Fernandes, comentando um artigo meu. Eu respondi, ele escreveu de volta

* Depoimento em 22 de maio de 1986 na 1ª Jornada de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Marília, em homenagem a Florestan Fernandes.

** Eunice Ribeiro Durhan e Fernando Henrique Cardoso.

e fiquei sabendo que era aluno de Ciências Sociais, em nossa Faculdade.

Lembro que fiquei impressionado com duas coisas: o nome e a letra. Se estivéssemos numa aula de Literatura, eu faria uma análise do nome Florestan Fernandes, visando a mostrar que ele parecia predestinado a assinar obras de relevo. Indicaria o mesmo número de sílabas no prenome e no sobrenome, a aliteração que os une através dos *efes* iniciais, as tônicas caindo em sílabas iguais – *an-an* –, o sibilo dos *esses* etc. A caligrafia também me impressionou. As letras pareciam um batalhão cerrado e aguerrido, meio inclinadas, bem apertadas e firmes. À primeira vista difíceis de ler, mas extremamente inteligíveis depois de a gente se acostumar com a maneira de ligar palavras, escrever os *tês*, os *pês*, os *esses*. Eu diria que na impressão causada pelo nome e pela letra estava inconscientemente prefigurada a noção do que seria aquele rapaz, dois anos mais moço do que eu. Estava prefigurada a eminência que ele teria, a firmeza da sua atitude, a densidade da sua forma tão rica em significados, à primeira vista difíceis de apreender.

Um belo dia eu o conheci no corredor da Faculdade, carregando uma enorme pasta de livros, encostado na janela e lendo, como já contei noutra lugar, uma vida de Buda, sobre a qual começou a falar com volubilidade. Também essa maneira por que o conheci se tornou paradigmática para mim, porque Florestan foi e é um homem que lê praticamente sobre tudo. Engana-se quem supõe nele uma cultura puramente sociológica. Ele não só tem vasta informação filosófica, econômica, histórica, como também grande formação literária e artística. De modo que aquele livro sobre Buda se junta como terceiro traço na prefiguração do que seria o Florestan Fernandes maduro.

Em seguida ele se tornou, como eu, assistente da cadeira de Sociologia II, e assim fomos companheiros de trabalho durante

muitos anos. Companheiros continuamos de certo modo até hoje, e agora em sentido mais específico, porque ele acaba de entrar para o meu partido político, o dos Trabalhadores.

Na ampla atividade intelectual de Florestan, é preciso destacar sempre o que foi indicado pela Eunice e pelo Fernando Henrique: na Universidade, a sua grande contribuição para a Sociologia foi em primeiro lugar fazê-la passar de uma fase inicial, em que ela era sobretudo ponto de vista geral para encarar a sociedade e ser aplicada em vários setores, para a sua efetiva definição como disciplina específica. Um colega nosso muito inteligente e espirituoso, o professor Ruy Coelho, levando em conta que eu fazia crítica literária, que Lourival Gomes Machado fazia crítica de arte, que Gilda de Mello e Souza fazia estética, e ele próprio, Ruy, circulava por todos esses domínios, disse certa vez: “Nesse Departamento, o Florestan é uma ilha de sociologia cercada de literatura por todos os lados...” Como o Fernando Henrique acentuou, ele trouxe a deliberação de tratar a Sociologia como matéria específica, como disciplina científica à qual se dedica toda a atividade. Esta foi uma era nova, que Florestan abriu e consolidou na Universidade de São Paulo.

Na carreira dele é possível distinguir três momentos, que poderiam ser esquematizados assim: houve um Florestan dos anos 1940, um Florestan dos anos 1950 e um Florestan dos anos 1960 – a partir do qual a síntese já estava feita.

O Florestan dos anos 40 é o da construção do saber, que ao construir o seu constrói a possibilidade de saber dos outros. O Florestan dos anos 50 é o que começa a se apaixonar pela aplicação do saber ao mundo, porque, tendo já os instrumentos na mão, se dedica a aplicá-los para compreender os problemas do mundo. O terceiro momento é o do Florestan que, tendo aplicado o saber à compreensão do mundo, o transforma numa arma de combate. Naturalmente as três etapas estão misturadas,

pois sempre houve a terceira na primeira e a primeira na terceira. Estou me referindo às predominâncias.

Nos anos 40, nós éramos jovens assistentes do querido mestre Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II, e ficávamos numa enorme sala do terceiro andar do Instituto de Educação, na praça da República, onde funcionavam alguns setores da Faculdade de Filosofia. Junto conosco havia o pessoal de outras cadeiras, como Sociologia I, Filosofia da Educação e não sei o que mais. Acho revelador o seguinte: Florestan queria ler e estudar naquela sala coletiva, mas nós outros seguíamos mais ou menos a tendência brasileira para o papo. Então Florestan, parecendo um ouriço, se encantoava na mesa dele, e se alguém puxava prosa ele fazia uma tal cara, que a pessoa desistia... Naquele momento ele estava fazendo no meio do tumulto as famosas fichas a que o Fernando Henrique aludiu: umas fichas grandes de cartolina, que ia cobrindo de tinta roxa e era o material do que seria o grande clássico sobre *A organização social dos tupinambá*. Nesse primeiro momento ele não apenas realizou esta obra, mas também acertou as contas com a informação sociológica, por meio de leituras abundantíssimas, feitas e debatidas com uma paixão e uma intensidade que só quem estava como eu ao seu lado todos os dias pode avaliar.

A partir de 1947 fomos postos em regime de tempo integral. Fazíamos plantão das oito da manhã ao meio-dia e das duas às seis da tarde, em princípio. Quando saíamos, eu estava esgotado e só pensava em tomar o ônibus para casa. Mas ele mais de uma vez me disse que ia para a Biblioteca Municipal ler até ela fechar. Não espanta que tenha dominado não apenas a bibliografia da escola sociológica francesa (como se dizia), mas do funcionalismo inglês e americano, além de outras correntes, como o marxismo, e de autores como Freyer e Mannheim.

Creio que essa massa se ordenava então para ele numa espécie de estrutura paralela, que foi o ponto de partida das suas sínteses futuras: de um lado era já de certa maneira marxista, como prova a introdução que fez para a sua tradução da *Contribuição à crítica da economia política*; de outro lado era um sociólogo acadêmico. Além disso, durante algum tempo, lá por 1945 e 1946, foi militante político de linha trotskista, tendo sido um dos organizadores da efêmera Coligação Democrática Radical, concebida segundo o esquema de frente ampla abrangente, para enfrentar as necessidades do momento.

Discutimos muito a respeito dessa divisão entre o militante político e o professor universitário, sem nunca resolver de maneira satisfatória se o professor tinha o direito de trazer as suas convicções políticas para a aula, e se uma atitude acadêmica era compatível com o empenho político.

Essa primeira fase se desenrolou no prédio da praça da República. A segunda se desenrolou no prédio da rua Maria Antônia durante os anos 50, e nela começou a tomar corpo a solução pessoal que Florestan deu à dualidade referida. Lembro que nessa época ele se aprofundou na obra de Max Weber, e depois nas de Parsons, Merton e outros. Pode-se dizer que na fase inicial dos anos 40 o seu foco de interesse foi sobretudo o índio, no caso os extintos tupinambá, cuja organização social descreveu e interpretou, contra a afirmação generalizada de que os documentos disponíveis não permitiam conhecê-la de modo sistemático. Já a tarefa decisiva dos anos 50 se ordenou em torno do negro, pois naquela altura ele aceitou participar com Roger Bastide na direção de uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre as relações raciais entre brancos e negros em São Paulo. Aí começou o cruzamento das duas linhas: o sociólogo de grande formação teórica e o intelectual de grande consciência

política encontraram pela frente um problema que solicitou a sua combinação. Com efeito, o negro não era algo remoto como o tupinambá, mas um cidadão vivendo ao nosso lado, espoliado, privado, vítima do preconceito, participando da mesma dinâmica social que nós. Daí talvez a pesquisa da Unesco ter sido uma oportunidade para Florestan desenvolver formas extremamente participantes de Sociologia.

Basta lembrar alguns aspectos do método que usou, como as reuniões promovidas entre líderes e militantes negros, junto com os seus colaboradores e outros interessados. Com isso estava dando simultaneamente aos negros certa forma de consciência política e de organização. E ainda mais: a partir da compreensão dos problemas deles, estava amadurecendo a maneira do intelectual intervir na sociedade que gerava tais problemas. Por isso, nesse decênio de 50, Florestan emerge como um líder. Sobretudo na campanha que Fernando Henrique mencionou, a da escola pública, que o projetou de maneira extraordinária não apenas no estado de São Paulo, mas no país.

Embora desligado de qualquer partido político, ele se revelou então um grande militante, em pleno processo de juntar as águas do marxismo com as da Sociologia acadêmica, esboçando o que vai ser nos anos 60: uma grande figura de militante solitário, de homem que pode ter atuação equivalente aos que se enquadram num partido. Um homem que sem pertencer a qualquer organização definida pode agir sobre a sociedade, devido à força intelectual e moral adquirida em dois decênios de aprendizagem.

Assim, nos anos 60 Florestan chega ao que eu chamaria os seus limites naturais: o sociólogo, o pensador e o militante unidos num só tipo de atividade, vai agora se configurar como cientista cujo ato de construção intelectual já é um ato político. Por isso os seus temas mudam significativamente. O que estuda

agora são as classes sociais, o problema da burguesia, os conflitos do subdesenvolvimento, o Brasil na América Latina, a Revolução Cubana. Isto quer dizer que ele transformou Sociologia em militância, a partir do momento em que os dois caminhos paralelos que mencionei se fundiram numa personalidade intelectual harmoniosa.

Esse é o Florestan Fernandes dos anos do golpe militar, que enfrentou um inquérito policial-militar, foi detido, voltou triunfalmente à rua Maria Antônia com o saguão cheio cantando o Hino Nacional e se tornou um grande líder intelectual e político, privado em 1969 dos seus direitos universitários. Ele conheceu o interrogatório, a prisão, a proscricção intelectual, o expatriamento, e temperou na luta a sua rara fibra de lutador.

Esse é o Florestan que agora temos em plena maturidade e que transborda de qualquer esquematização, como a que tentei a fim de sugerir a sua personalidade, cujo desenvolvimento mental pude acompanhar. Repito que essa esquematização não deseja distinguir etapas estanques, mas predominâncias. Em Florestan tudo estava mais ou menos misturado, pois ele continua propondo hoje muitos dos problemas que colocou na mocidade; e alguns problemas que colocaria na maturidade já estavam previstos na juventude. No fundo, a minha proposta de esquematização é um modo de sugerir que um homem que fez uma carreira dessas é de fato eminente e singular, como grande militante solitário que vale ele próprio um partido. Uma tal carreira é fruto do esforço que Fernando Henrique descreveu, e que se caracteriza por uma extraordinária integridade e uma consciência intelectual e política que fazem dele o homem mais eminente da minha geração. Com isso eu me associo às homenagens prestadas ao meu grande amigo pela UNESP, por intermédio da Faculdade de Marília.

Prefácio:

*Que tipo de República?**

Esta coletânea de artigos parece arma de luta. O autor escreve com tensão combativa, mas canaliza a indignação nos limites rigorosos da análise política e sociológica – combinação difícil que é todavia uma das marcas de Florestan Fernandes. A sua vida intelectual pode ser vista de vários ângulos. Inclusive como longa tentativa de usar o rigor do conhecimento para intervir lucidamente nos graves problemas do nosso tempo. Nele, o sociólogo, o antropólogo, o pensador construíram uma base científica sólida sobre a qual se ergueu a plataforma do revolucionário. Como poucos no Brasil, ele é capaz de fazer do escrito um ato de combate que se nutre corretamente da força conferida pelo saber rigoroso.

Como crítico literário, me interessa a formação da prosa política de Florestan Fernandes, que neste livro alcança o mais alto teor de expressividade comunicativa. Ele partiu, na mocidade, da escrita pesada, em dois sentidos: cheia de matéria e sem complacência com o leitor, como ocorre frequentemente nos que

* Prefácio a FERNANDES, Florestan. *Que tipo de República?* São Paulo, Brasiliense, 1986.

se orientam pela busca da verdade acima de tudo. A seguir foi obtendo uma forma flexível, e creio que para isso contribuiu a combinação crescente dos intuítos políticos com os mais propriamente intelectuais. Afinal chegou a um estilo comunicativo e refinado, de extraordinária precisão, sem perda de solidez na informação nem de rigor no argumento. Por isso estes escritos não são jornalismo político habitual, mas síntese rara de ciência e prática, densidade intelectual e clareza de entendimento. Com eles Florestan Fernandes se alinha entre os maiores escritores políticos do Brasil.

Carregado de paixão e de convicção, ele ataca, mostra o que está embaixo da aparência, localiza em cada problema o núcleo que pede reflexão e passa daí à posição de luta. Embora solitário, desligado até bem pouco de partido ou organização, ele orientou a militância no sentido de mostrar a necessidade imperiosa de participação do povo. Este é um dos motivos condutores do seu pensamento neste livro, que procura entre outras coisas mostrar como a autêntica luta política tem de vir “dos de baixo”, “los de abajo” que Mariano Azuela descreveu há tanto tempo no esforço revolucionário do México. Daí a dureza com que desmascara os mecanismos de conluio, pseudorreforma, cortina de fumaça, acomodação, personalismo que estão na base do comportamento político das classes possuidoras por meio dos seus representantes. Daí a severa análise da Nova República (que para ele está sempre entre aspas implícitas) naquilo que ela tem de despistamento, continuidade e falsa promessa. Lendo-o, fica evidente que isso decorre dos mecanismos de substituição, mediante os quais os únicos agentes possíveis da necessária transformação do país, isto é, as grandes massas espoliadas, são desviados sistematicamente no curso da sua ação possível pelas soluções contemporizadoras e, se for preciso, cruelmente repressoras.

Graças à lucidez viril, Florestan Fernandes transformou o presente livro num meio privilegiado para os leitores conhecerem a real situação política e social do país, e poderem em consequência assumir as atitudes compatíveis com a luta contra a feroz iniquidade que tem sido linha mestra em nossa história. Como ato de pensamento e como exemplo de militância pela palavra, estes escritos são uma das leituras mais importantes para quem deseje analisar a realidade e optar de maneira correta pela sua transformação, inseparável das soluções socialistas.

Um grande homem*

Começo agradecendo ao Magnífico Reitor Flávio Fava de Moraes o convite honroso para saudar Florestan Fernandes em nome da nossa Universidade de São Paulo, da qual ele é um dos produtos mais completos e um dos mestres mais altos.

Em Florestan Fernandes, meu fraternal companheiro e amigo há 50 anos, se juntam o estudioso de saber profundo e sólido, o professor rigoroso, o formador de equipes notáveis que abre trilhas novas à investigação, o autor de obras cuja importância é decisiva no campo das ciências sociais, o cidadão empenhado em tarefas essenciais do seu tempo, o militante político consciente do dever de lutar para a transformação das bases desta sociedade iníqua, na qual vivemos ao ritmo de uma das desigualdades econômicas mais revoltantes do mundo.

Além disso, é preciso destacar as qualidades humanas que fazem dele um exemplo e lhe permitiram construir uma carreira excepcional, a partir de condições as mais adversas que se possa

* Discurso na sessão de homenagem a Florestan Fernandes prestada pela Universidade de São Paulo em 23 de junho de 1994.

imaginar. Homem de luta e homem de ideal, Florestan Fernandes enfrentou desde menino a adversidade com uma bravura e uma eficiência difíceis de encontrar na biografia dos homens eminentes da cultura. Na base esteve sempre o destemor, a invariável coragem física, moral e mental com que empunhou a vida e abriu o seu caminho. Inclusive demonstrando a rara capacidade de criar o escândalo necessário e salutar, passando por cima do temível respeito humano quando se trata de afirmar o que é justo e verdadeiro. Pesando bem as palavras, digo que em Florestan Fernandes estão presentes os traços que caracterizam os grandes homens. Por isso, costumo dizer que ele é, a meu ver, o único de nossa geração a quem cabe com justeza este qualificativo.

Portanto, não é de espantar que tenha feito uma carreira universitária exemplar sob todos os pontos de vista, o que tornou mais odioso o ato que o separou do corpo docente da nossa Faculdade. Como estudioso, professor, investigador e autor, ele reúne qualidades raramente existentes em conjunto. Dotado de uma poderosa capacidade de atenção e concentração, é notável a maestria com que sempre se atirou aos textos, como leitor privilegiado. Foi assim desde estudante, tanto em relação às obras de sua especialidade como a quaisquer outras, de história, literatura ou política. Daí o cabedal enorme que juntou e sempre explorou de maneira penetrante, graças a uma segunda qualidade: o poder de penetração analítica. Em terceiro lugar, eu mencionaria o dom de correlacionar, que lhe permitiu efetuar sínteses harmoniosas de teorias nem sempre afins, mas que ele decantou em combinações originais de raro poder explicativo. Penso, por exemplo, em pensadores como Durkheim, Weber e Marx, vistos frequentemente no que têm de diferente uns dos outros, mas que ele soube passar pela máquina poderosa, seletiva e ao mesmo tempo integradora da sua inteligência, transformando-os em elementos de uma visão compreensiva.

Sobre esta base, que estou simplificando para poder ressaltar as grandes linhas, Florestan Fernandes foi se inclinando cada vez mais, na segunda fase da sua carreira, para o marxismo, que sempre versara, desde moço e do estudo precoce dos escritos de Marx, como a notável análise que escreveu sobre a *Contribuição à crítica da economia política*. Nesta segunda fase surge um marxista aberto e compreensivo, justamente porque despido de sectarismo teórico e embebido de sugestões hauridas noutras fontes. Como Caio Prado Júnior, mas com maior amplitude de propósitos, ele forjou um instrumento analítico e interpretativo de corte marxista, capaz de abolir qualquer imposição mecanicista e de se abrir para as lições da realidade objetivamente observada.

Ao lado dessa rotação teórica, convém assinalar uma rotação paralela no domínio dos temas de investigação. Na sua fase inicial, Florestan Fernandes se tornou famoso, aqui e no exterior, devido sobretudo aos trabalhos admiráveis de reconstrução histórica e análise etnológica sobre a organização social dos tupinambá. Os documentos restantes sobre esses índios de tanta importância na história do Brasil eram conhecidos, mas considerados insuficientes para se saber qual era a sua organização. Daí numerosos estudos parciais sobre aspectos da sua cultura. É que faltava aos estudiosos, brasileiros e estrangeiros, a força analítica e a imaginação sociológica com que ele operou uma verdadeira quadratura do círculo, produzindo aos 27 anos o livro inovador e cientificamente revolucionário cujo título é para os entendidos uma verdadeira provocação intelectual: *A organização social dos tupinambá...* A estes dedicou outra obra fundamental sobre a função social da guerra e tirou as consequências teóricas num terceiro trabalho, explorando a fundo as possibilidades proporcionadas pelo funcionalismo no estudo das fontes.

Simplificando, eu diria que a partir daí, isto é, dos anos 1950, deu-se a rotação dos temas e Florestan Fernandes se empenhou

numa realidade presente e dramática: a situação do negro no Brasil. Associado a nosso mestre Roger Bastide na pesquisa sobre relações raciais promovida pela Unesco, ele se tornou um dos mais importantes conhecedores e analistas desse gravíssimo problema social e transitou do passado ao coração mais dramático do presente. Assim, o teórico que estava privilegiando cada vez mais a visão marxista se associava ao pesquisador que privilegiava cada vez mais o estudo dos problemas contemporâneos. Estava portanto pronto o terceiro Florestan Fernandes, o da maturidade, a partir dos anos 60. Este foi o da luta pela escola pública, em cuja defesa percorreu o país numa campanha memorável; foi o dos pronunciamentos de corte socialista, o que levou a ditadura a submetê-lo em 1964 a um inquérito policial-militar e, ante a sua firme reação de destemor e inconformismo, a detê-lo num quartel do Exército. O desfecho foi a aposentadoria punitiva em 1969, que o obrigou a viver tempos no exterior.

Creio que é preciso terminar, porque do contrário não haveria tempo suficiente para continuar comentando e analisando o perfil humano e intelectual desse grande universitário. Na fase mais recente de sua carreira, Florestan Fernandes acentuou a disposição de assumir no âmbito mais largo da sociedade posições regidas pelos pressupostos socialistas, aplicando-se a temas de relevo político na sua ação e na sua produção, como é o caso do estudo magistral sobre a República de Cuba ou das análises da realidade política brasileira. Eu costumava dizer que, sem pertencer a nenhum partido, ele se tornou com o tempo uma espécie de partido individual, pois as suas ações e as suas palavras valiam pelas de uma agremiação aguerrida e constante. Sob este aspecto, a atitude política foi sempre um baixo-contínuo na sua vida de lutador no campo da educação e da cultura. Mas finalmente ele decidiu adotar um enquadramento partidário e entrou para o Partido dos Trabalhadores, do qual tem sido um

dos militantes mais capazes e fecundos, eleito e reeleito deputado federal. Não me cabe assumir a tarefa de outros, falando da sua atuação no Congresso Nacional. Cabe-me apenas dizer que como deputado socialista Florestan Fernandes efetuou um movimento culminante na sua luta, inclusive porque se tornou simultaneamente um dos jornalistas políticos mais eficientes e penetrantes que temos tido, forjando um instrumento ajustado ao combate pela imprensa e se tornando, junto a públicos vastos, intérprete do que se poderia chamar de pensamento socialista cotidiano. Da sala de aula ao grande público, ele modulou em escala cada vez mais ampla a sua atuação de analista da sociedade e de combatente do socialismo.

Magnífico Reitor, colegas e amigos: em Florestan Fernandes a Universidade de São Paulo homenageia um dos seus filhos e mestres mais nobres e capazes. Que esta solenidade de consagração seja uma prova de confiança no presente e um gérmen capaz de fecundar cada vez mais o futuro.

O jovem Florestan*

Falando na Universidade de São Paulo, acho oportuno evocar a luminosa carreira de Florestan Fernandes, formado em Ciências Sociais na turma de 1943 da Faculdade de Filosofia. O meu intuito é apenas lembrar a fase inicial dessa carreira, do começo dos anos 1940 ao começo dos anos 1950, quando fomos companheiros de trabalho na cadeira de Sociologia II, regida por Fernando de Azevedo.

Como estudante, Florestan Fernandes já se distinguira em todas as matérias, aproveitando ao máximo e com sofreguidão o que a Faculdade lhe podia dar. Não espanta, portanto, que manifestasse uma alta qualidade mental nos trabalhos semestrais de aproveitamento, alguns dos quais verdadeiros estudos, muito acima dos requisitos correntes, que foram publicados em seguida, como “As trocinhas do Bom Retiro”, produto do interesse que havia então por parte de Roger Bastide pelos estudos folclóricos, para os quais encaminhava os alunos.

* Texto lido na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes, promovida pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, em 5 de outubro de 1995.

Tendo sido estudante notável, quando se formou, mais de um professor quis tê-lo como assistente. Penso que entre eles estava Roger Bastide, que sempre o admirou e estimou, e caso tivesse vaga no momento o indicaria. Certamente estava Paul Hugon, de Economia Política, matéria na qual Florestan brilhara, inclusive analisando a obra pesada de Simiand sobre a moeda. Mas ele acabou aceitando o convite de Fernando de Azevedo, que o indicou para a vaga de segundo assistente da cadeira de Sociologia II, pois o colega que exercia esta função, José Francisco de Camargo, depois titular e diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, preferira demitir-se a fim de concorrer a uma cadeira de Sociologia do ensino normal, cargo que naquele tempo era não apenas melhor remunerado, mas tinha a vantagem de dar acesso a uma carreira, com aposentadoria assegurada. A propósito, convém esclarecer que o assistente da Universidade era um funcionário sem qualquer garantia, nomeado por indicação do professor e demissível a qualquer momento por simples comunicação escrita dele, sem necessidade sequer de justificativa. Por isso, não tínhamos carreira e éramos assistentes dos professores, mais do que da instituição (o que, seja dito, não era ruim se o professor fosse bom). A partir de 1945, portanto, Florestan Fernandes e eu fomos os dois assistentes de Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II.

Os seus primeiros trabalhos como jovem docente confirmaram a alta qualidade dos que havia elaborado como estudante, servindo de exemplo os que publicou sobre o bororo marginal Tiago Marques Aipobureu e sobre a obra folclórica de Mário de Andrade. A propósito, uma lembrança à margem.

Em fins de janeiro de 1945 realizou-se em São Paulo o I Congresso Brasileiro de Escritores, visando principalmente a arregimentar os intelectuais na luta contra a já abalada ditadura do Estado Novo. Florestan se encarregou de fazer a cobertura

para um jornal, creio que a *Folha da Manhã*, cujo secretário era o seu amigo e correligionário Hermínio Sacchetta. Eu era o caçula dos 25 membros da delegação paulista, de modo que nos vimos bastante durante as sessões e pude verificar o afincio com que observava e anotava, o que lembro para destacar um dos traços da sua personalidade: a absoluta seriedade e dedicação com que realizava qualquer tarefa. Na sessão de encerramento, no Teatro Municipal, estávamos ele e eu conversando no corredor externo da plateia e Mário de Andrade numa roda próxima. Florestan me pediu que o apresentasse, o que fiz com prazer. Mário manifestou alegria em conhecê-lo pessoalmente e exprimiu apreço pelos seus trabalhos publicados em jornal.

Naquele tempo éramos funcionários em tempo parcial, e o integral só nos veio em 1947 graças ao enorme prestígio de Fernando de Azevedo, pois não era considerado necessário para as disciplinas humanas. Trabalhando em tempo parcial, tínhamos de completar os vencimentos com atividades extras, por isso Florestan continuou por algum tempo desenvolvendo as que exercia anteriormente, além de escrever para os jornais. Foi neles que publicou àquela altura diversos artigos seriados, verdadeiras exposições sobre teoria sociológica e comentários críticos sobre autores ainda pouco divulgados aqui, como Freyer e Mannheim. Esses artigos demonstravam a sua grande e precoce capacidade de reflexão teórica.

Mas, apesar da sobrecarga de trabalho, a sua fome de saber o levou a matricular-se no curso de pós-graduação da Escola de Sociologia e Política, num esforço sobre-humano que lhe permitiu completar a formação, esgotando todos os recursos que havia em São Paulo para o conhecimento das ciências sociais. Ali foi discípulo entre outros de Herbert Baldus, antropólogo de grande cultura e muito conhecimento da realidade indígena sul-americana, que o orientou na dissertação de mestrado sobre

os tupinambá. Observemos a propósito duas coisas. A primeira é que na Universidade de São Paulo não havia ainda o grau de mestre, que a Escola de Sociologia e Política introduziu por influência dos sociólogos norte-americanos que nela vieram ensinar. A segunda observação é que os estudiosos achavam que a documentação existente sobre os extintos tupinambá não bastava para conhecer de maneira sistemática a sua organização social. Por isso, um especialista do valor de Alfred Métraux os estudou de maneira parcial, publicando livros importantes sobre a sua cultura material e a sua religião. Mas Florestan Fernandes, com a ousadia intelectual e o poder de análise que sempre o caracterizaram, e o levavam a enfrentar e mesmo a preferir as tarefas difíceis, submeteu o material disponível a um tratamento metodológico e interpretativo de grande força, produzindo um clássico da antropologia moderna, *A organização social dos tupinambá*, que eu vi nascer e crescer em fichas grandes cobertas de tinta roxa. Quando defendeu a dissertação em 1947 e obteve o grau, tinha 27 anos e realizara um feito científico do mais alto valor. A este respeito, mais uma recordação, esta indireta.

No fim dos anos 40, ou começo dos 50, Ruy Coelho presenciou em Paris uma cena curiosa. Lévi-Strauss, Alfred Métraux e ele conversavam, quando Strauss manifestou grande admiração pelo livro de Florestan, dizendo ao colega que, ao contrário do que este dissera, o jovem brasileiro tinha mostrado que era possível conhecer a organização social dos tupinambá. Com *fair play* e bonomia modesta, Métraux concordou e disse que de fato era incapaz dessas altas cavalarias, pois o que sabia mesmo era fazer descrições empíricas, como, por exemplo, enumerar as diversas maneiras de preparar a carne de porco no Haiti, cuja sociedade estava estudando...

O material acumulado para a dissertação era tão vasto, que, como se sabe, Florestan Fernandes passou a elaborar com ele a

tese de doutorado, que defendeu na Faculdade de Filosofia e foi o igualmente notável *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. Mais ainda: a seguir apresentaria no concurso de livre-docência uma tese sobre a pertinência da análise funcionalista, baseado na utilização que fizera dela nos estudos sobre os tupinambá. Nessa altura desenvolveu muito os estudos teóricos e, a pedido de Azis Simão, deu um curso famoso sobre metodologia. Foi também então que se aprofundou na obra de Max Weber, que viria a ter importância no amadurecimento das suas concepções.

Em 1952 ou 1953, Roger Bastide o convidou para transferir-se para a sua cadeira, Sociologia I, pois estava preparando a volta definitiva à França e o desejava como sucessor. A transferência se fez com pleno acordo de Fernando de Azevedo, que sempre teve por ele a maior admiração e o mais profundo afeto. A partir de então, deixamos de ser companheiros na mesma disciplina, que, aliás, eu próprio abandonei uns poucos anos depois, para me dedicar exclusivamente aos estudos literários, que foram sempre os de minha predileção, mas a nossa amizade continuou inalterada. Antes dessa mudança, porém, ocorreu algo decisivo na sua carreira e na reorientação de suas ideias.

Em 1950, Roger Bastide aceitou o encargo de dirigir uma pesquisa sobre as relações raciais em São Paulo, a pedido da Unesco, via Métraux, mas com a condição de Florestan Fernandes partilhar a responsabilidade da direção. Como tenho dito e escrito, esse momento me parece corresponder à grande virada da sua carreira e da sua atuação sociológica. Ele tinha 30 anos e estava sendo considerado como igual por um sociólogo eminente, que fora seu professor. Ao aceitar a tarefa, pode-se dizer que assumiu simbolicamente a consagração que o destacava como o sociólogo mais completo da sua geração.

Aquele momento pode também ser considerado decisivo por outro motivo, que é o fato de a pesquisa sobre a condição

social do negro ter sido a mola que o lançou em rumos diferentes dos que seguira até então. Levado a encarar uma situação contemporânea altamente dramática, ele foi deslizando dos estudos de corte mais acadêmico para os que requerem um posicionamento político por parte do estudioso consciente. Em outras palavras, estava começando a atuação do sociólogo que conseguiria modificar a natureza da Sociologia no Brasil em nosso tempo, efetuando a operação difícil de combinar rigor científico e visão política, de maneira a tornar a Sociologia, não apenas instrumento de compreensão da realidade, mas contribuição teórica à transformação da sociedade. A partir da pesquisa da Unesco, o cientista e o revolucionário começaram a se fundir numa fórmula pessoal de grande alcance, que faria a originalidade singular de Florestan Fernandes.

A partir daquele momento a carreira dele foi uma ascensão constante do ponto de vista científico e uma participação crescente na militância socialista, pois ele passaria a privilegiar cada vez mais o marxismo nas suas concepções teóricas e se tornaria um marxista enriquecido pela experiência de outras teorias. Estava, portanto, traçado o perfil definitivo que o caracterizaria como um dos maiores intelectuais brasileiros que neste século estudaram a sociedade, da mesma importância que Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda.

Numa sessão de homenagem como esta, achei que valia a pena evocar a fase inicial de um extraordinário percurso, porque estou certo de que a partir de agora haverá estudos sobre “o jovem Florestan”, como os há sobre “o jovem Hegel”, “o jovem Comte”, “o jovem Marx”. Para isso, fica esta pequena contribuição de quem foi por mais de 50 anos seu admirador incondicional e seu amigo afetuoso.

Florestan Fernandes: estudante e estudioso*

Falando para estudantes, quero lembrar o Florestan Fernandes estudante, na Faculdade de Filosofia, onde fez o curso de graduação, e nesta Escola de Sociologia e Política, onde fez o de pós-graduação. Como não tinha podido fazer o secundário de maneira regular, parecia haver nele uma espécie de sede de recuperar o tempo perdido, sendo certo que teve desde menino a paixão pela leitura e uma capacidade incrível de devorar livros das mais diversas naturezas, pois lia de tudo, o tempo todo.

A respeito, é preciso mencionar o seu raro poder de concentração, um dos instrumentos mais importantes da vida intelectual, que lhe permitia ler sem parar, em qualquer situação, no estribo dos bondes, na sala de espera dos médicos, nos saguões de cinema, sem falar das bibliotecas públicas. Dotado de resistência física e mental extraordinárias, podia ler sem parar nem se distrair, horas e horas, parecendo abolir o cansaço por meio do desejo de saber. Quando éramos jovens assistentes, saíamos da Faculdade de Filosofia, então na praça da República, e íamos pela rua 7 de

* Texto lido na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes promovida pela Escola de Sociologia e Política, em 10 de outubro de 1995.

Abril às 6 horas da tarde. Mas enquanto eu ia pegar o ônibus, cansado, ele entrava muitas vezes na Biblioteca Municipal e lá ficava até ela fechar, às onze e meia da noite, provavelmente com uma xícara de café como alimento. Lia tomando notas abundantes e, se o livro fosse dele, sublinhando e escrevendo nas margens a tinta. Este hábito me parece corresponder a um traço da sua personalidade, pois tinha tanta confiança em si, que nunca duvidou do próprio valor nem da importância do que produzia. Por isso, fazia anotações indeléveis.

Com o tempo, foi naturalmente selecionando as leituras em função dos trabalhos que empreendia, e o absorviam de tal modo que só falava neles e fazia tudo convergir para eles. Nesse sentido, desenvolveu uma espécie de instinto aglutinador, fazendo com que tudo o que lhe passasse pela experiência se transformasse imediatamente em matéria útil para a tarefa em curso: fita de cinema, notícia de jornal, peça de teatro, romance. Não espanta, portanto, que para ele o tempo fosse algo precioso, nem que uma de suas birras fosse ver alguém desperdiçá-lo. Para aproveitá-lo bem, procurava seguir o conselho de nosso professor Emílio Willems, típico dos estudiosos alemães: levantar cedo e dedicar pelo menos quatro horas ao estudo, até o almoço. A partir dali, fazer o que era preciso na Faculdade ou na vida particular, porque pelo menos aquelas quatro horas estavam garantidas, e as que viessem a mais viriam por acréscimo. Mas ele procurava aproveitar todos os instantes no resto do dia para estudar e escrever. Em nossa sala da Faculdade nos anos 1940, que no começo servia a várias cadeiras, ele se encastelava na sua mesa, evitava prosa e franzia o sobrolho para quem o fosse interromper. De modo que conseguia trabalhar no meio do bate-papo nacional.

No começo do regime de tempo integral na cadeira em que éramos assistentes, tivemos durante algum tempo de fazer plantão completo, das 8 da manhã às 6 da tarde, com duas horas

para almoço. Então, havia na sala comum paz durante as manhãs, pois as aulas eram à tarde e ele podia trabalhar sossegado. Mas a certa altura eu atrapalhei essa faina matinal, pois inventei um sistema de exposições de leituras programadas para grupos de quatro alunos controladas por nós. A exemplo de alguns dos nossos mestres franceses, e talvez pensando na sua experiência de lutador desde a infância, Florestan achava que era melhor deixar o aluno se arranjar por conta própria, atendendo-o apenas quando nos procurasse, pois isso desenvolveria a sua independência mental e o seu senso de responsabilidade. Eu tinha uma concepção mais assistencial e por isso imaginei aqueles grupos de leitura obrigatória, na parte da manhã. Florestan duvidou da sua utilidade, mas declarou-se pronto a fazer a experiência, por coleguismo, e entrou no jogo com dedicação. Com o tempo, acabou por desenvolver uma rara capacidade de assistência intelectual aos alunos, aos quais se dedicava mais do que eu.

Como estudante, ele aproveitou ao máximo as oportunidades oferecidas então em São Paulo para a formação em Ciências Sociais, aprofundando-se tanto na linha então mais teórica da Faculdade de Filosofia quanto na linha mais empírica da Escola de Sociologia. Esta teve importância na implantação da pesquisa sociológica em São Paulo, sob o impulso dos sociólogos americanos Horace Davies e Samuel Lowrie, substituídos mais tarde por Donald Pierson, sem falar que durante algum tempo ensinou nela Radcliffe-Brown, que teve larga influência no sentido da orientação funcionalista.

Lowrie realizou uma pesquisa que considero histórica sobre as condições de vida dos lixeiros da cidade, a meu ver um sinal na virada temática que seria característica da nossa geração, deslocando a sociologia do estudo preferencial das classes dominantes para o estudo das classes dominadas. Na Faculdade de Filosofia, a partir de 1940, houve uma espécie de reviravolta

empírica, fazendo com que fosse privilegiada a pesquisa; e as pesquisas se concentraram nestas classes subalternas, cessando praticamente os estudos sobre as privilegiadas. Assim, passamos a estudar o negro, o índio destribalizado, o trabalhador urbano, o lavrador pobre, o pescador etc. Esta tendência renovadora constitui de certo modo um retorno simbólico à grande exceção que fora Euclides da Cunha no começo do século, em contraposição a estudiosos das elites, como Oliveira Viana e Gilberto Freyre.

Florestan foi a figura mais importante nesse processo, a que venho há muitos anos chamando de radicalização da sociologia, pois ele a levou ao limite natural, isto é, a participação política definida. Mas no começo os seus trabalhos tinham seguido outro rumo, com raízes na Escola de Sociologia, onde obteve o grau de mestre e defendeu a notável dissertação sobre a organização social dos tupinambá. É um estudo de reconstrução histórica feita segundo uma tendência funcionalista, na qual foi estimulado por Herbert Baldus. Mas anotem o seguinte: ao mesmo tempo ele aprofundava sem parar o seu conhecimento teórico e já tinha boa formação marxista.

Eu diria que durante alguns anos o marxismo foi nele uma espécie de tendência recessiva, ou melhor, de rio subterrâneo, que sempre correu, mas aflorou mais tarde, quando ele já tinha diversificada formação teórica, que o preservou do dogmatismo e do unilateralismo que eram predominantes nos marxistas da nossa geração. A sua maturidade de sociólogo consistiu em fundir essas correntes paralelas, o que se configurou a meu ver por influência da pesquisa sobre o negro em São Paulo, dirigida por Roger Bastide e por ele a partir de 1950 sob o patrocínio da Unesco. Por que digo isso? Porque antes ele estava mergulhado nos extintos tupinambá e na teoria, mas de repente se viu em face de uma situação presente, marcada pela mais grave injustiça social, e isto acendeu nele o estopim radical, que o levou a elaborar

cada vez mais uma posição politicamente consciente, ao mesmo tempo que participava da vida pública. Certamente a pesquisa sobre o negro o fez sentir com mais vivacidade do que nunca o postulado marxista fundamental de ligação necessária entre teoria e prática. Começava então a tomar corpo na sua mente e na sua ação o que ele próprio chamou de “sociologia crítica e militante”, que leva não apenas a estudar sistematicamente a realidade, mas a preparar os instrumentos teóricos adequados à sua transformação em profundidade.

Concluindo, lembro que para os estudantes Florestan Fernandes é um alto exemplo, a começar pela disposição que demonstrou de estudar em meio às maiores dificuldades que se possa imaginar. Lembro também a importância da sua inclinação precoce pelo marxismo, enquanto teoria mais coerente do socialismo, que acabou por lhe servir de diretriz para elaborar uma síntese pessoal. Graças a esta síntese, creio que foi um marxista *sui generis*, embora se dissesse firmemente marxista-leninista. Quanto a isso, tenho as minhas dúvidas. Penso que era um marxista diferente e, para o caso brasileiro, mais importante. Era um marxista livre, armado de grande arsenal teórico, que soube adequar-se à realidade do seu país, evitando a condição de aplicador de fórmulas, frequente entre os marxistas menos aparelhados.

Portanto, Florestan Fernandes é e será para os estudantes um modelo inexecedível; um exemplo de tenacidade intelectual, profundidade de visão, retidão moral, senso do dever, ética profissional, participação política, coragem sem limites em todas as circunstâncias, capacidade de indignação, dedicação aos interesses coletivos mais legítimos, isto é, os que afetam a justiça social e a igualdade entre os homens.

Um instaurador*

Para compreender o papel de Florestan Fernandes na consolidação e na reorientação da Sociologia no Brasil, é preciso mencionar alguns antecedentes. Antes da nossa geração, o estudo sobre a sociedade era feito sobretudo como história social, interessada na formação do país e tendendo a uma teoria geral do Brasil. São os casos de Manuel Bonfim, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda. Mas havia também o levantamento empírico de um setor da cultura popular, que se prestava à visão pitoresca, o folclore, como se pode ver em Sílvio Romero, Amadeu Amaral, Basílio de Magalhães. Os estudos de história social focalizavam as classes dominantes e podiam, nalguns casos, dar a ideia de uma sociedade mais ou menos bem realizada, pois era vista por assim dizer nos seus andares superiores. Os estudos de folclore, de outro lado, davam conta apenas de um pedaço da cultura popular, podendo servir, inclusive, de alimento a obras tão vulgares quanto as de certa literatura “sertaneja”,

* Texto lido (na ausência do autor por motivo de doença) na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes na reunião anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), Caxambu (MG), em 18 de outubro de 1995.

que fazia do homem rural um espetáculo exótico, confortando o homem da cidade pela certeza tranquilizadora da distância entre ambos. Quanto à teoria, encontramos poucas obras a partir do fim do século XIX, quase sempre aplicações do naturalismo de fundo biológico, como os livros curiosos de Fausto Cardoso. Naturalismo que se prolongaria no pensamento dos estudiosos até praticamente Gilberto Freyre, inclusive. Posteriormente, já no decênio de 1930 e em virtude da introdução da Sociologia no ensino normal e complementar, apareceram obras didáticas com orientação diversificada, ao modo das de Alceu Amoroso Lima, V. de Miranda Reis, Delgado de Carvalho, Fernando de Azevedo, esta última bem mais considerável. Quanto ao que se pode chamar de consciência social dos estudiosos, destaca-se um certo alheamento das reais condições do país, apesar da obra de Euclides da Cunha, teoricamente fundamentada e empiricamente nutrida de fatos contemporâneos, que era uma revelação do Brasil verdadeiro, escondido pela ideologia das classes dominantes atrás da sua fachada convencional.

A fase verdadeiramente sistemática da Sociologia, concebida como ciência social definida e voltada para o estudo da realidade presente, começou com a fundação de escolas superiores em que a matéria foi ensinada pela primeira vez no Brasil em nível universitário, como a Escola Livre de Sociologia e Política, de São Paulo, em 1933, marcada pela influência empírica de professores norte-americanos. No ano seguinte fundou-se a Universidade de São Paulo com a sua Faculdade de Filosofia, na qual houve desde o começo duas cadeiras de Sociologia. Uma delas foi confiada a Claude Lévi-Strauss, inclinado para a Etnologia, mas estimulando os alunos a trabalhar sobre a realidade cotidiana. A outra cadeira foi confiada a Paul Arbousse-Bastide, que se concentrava na teoria, com destaque para a obra de Durkheim, que naquela altura Strauss

abominava. Enquanto isso, no Instituto de Educação, também da Universidade, Fernando de Azevedo desenvolveu o ponto de vista durkheimiano no estudo dos fenômenos educacionais. E foi nesse Instituto que surgiu, em 1940, uma das primeiras obras de Sociologia concebida como pesquisa sistemática da realidade presente segundo métodos modernos: *Assimilação e populações marginais*, de Emílio Willems.

Em São Paulo, a Escola de Sociologia e a Faculdade de Filosofia efetuaram uma significativa ampliação do temário nos estudos sociológicos e antropológicos, ao deslocarem o foco de interesse das classes dominantes para as classes dominadas. Até então, estas não eram estudadas além das manifestações folclóricas, ou em aspectos da cultura que eram tratados como folclore, haja vista a maneira de abordar os cultos afro-brasileiros. Mas a partir do decênio de 1930, e sobretudo do de 1940, foram estudados como temas preferenciais o trabalhador urbano, o lavrador pobre, o negro marginalizado, o pescador, o índio destribalizado etc. Isso deu um cunho mais realista e potencialmente desmistificador ao conhecimento do Brasil, de maneira a se poder falar numa verdadeira radicalização dos estudos sociológicos em nossa geração.

Esse foi o pano de fundo da formação de Florestan Fernandes, que se graduou em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia em 1943 e obteve o mestrado na Escola de Sociologia e Política em 1947. A ele caberia levar às conseqüências lógicas essa radicalidade, dando-lhe uma conotação política, depois de acumular conhecimentos teóricos consideráveis em várias direções. Desde estudante, se aprofundou nas obras da chamada Escola Sociológica Francesa – Durkheim, Mauss, Halbwachs, Simiand –, passando em seguida aos alemães que as traduções espanholas nos traziam: Toennies, Sombart, Simmel, Freyer, Mannheim. Ao mesmo tempo, estudava o marxismo, coisa na-

tural em quem se tornara socialista desde logo, e em meados dos anos 40 aderira ao pequeno grupo trotskista liderado por Hermínio Sacchetta. Em 1944, Sacchetta se tornou diretor intelectual da Editora Flama, que teve existência curta mas deixou um bom legado de obras marxistas clássicas, de Marx, Engels, Kautski, Rosa Luxemburgo. Florestan traduziu a *Contribuição à crítica da economia política*, com uma introdução densa e penetrante. Curiosamente, e para espanto dos amadores de esquemas, estava ao mesmo tempo elaborando o estudo sobre os tupinambá com orientação funcionalista, haurida na Escola de Sociologia, onde àquela altura ensinou durante algum tempo Radcliffe-Brown. Mais tarde, nos anos 50, juntaria à sua farmácia sociológica a obra de Max Weber, cujo livro *Economia e sociedade* analisou a fundo e expôs em seminários notáveis. Os ingredientes da sua formação foram, portanto, variados. A sua maturidade mental consistiu em boa parte no esforço de os fundir, o que se tornou possível quando erigiu o marxismo em denominador comum.

Naquela altura, porém, a sua preocupação maior era com os conceitos de estrutura e função. Lá por 1950, certo dia em que estávamos tomando conta de um exame escrito (momentos estéreis nos quais conversávamos bastante), eu lhe disse que a sua posição podia ser denominada “estrutural-funcional”, e ele aceitou o rótulo, provisório e relativo, como devem ser os rótulos. Na verdade, estava a caminho da síntese que conseguiu com originalidade e da qual o catalisador foi a pesquisa sobre o preconceito racial em São Paulo, feita a partir de 1950 sob o patrocínio da Unesco em colaboração com Roger Bastide. Por que falo em catalisador? Porque vista de hoje a carreira de Florestan Fernandes tem uma ordem e uma coerência que naquela altura não podiam ser percebidas. Essa ordem e essa coerência decorreram em parte da fusão de orientações diversas, que em princípio seriam pouco conciliáveis, mas que ele compatibili-

zou com a sua extraordinária energia mental e a sua vigorosa imaginação sociológica, estimulado pela necessidade de aplicar o conhecimento a uma situação contemporânea delicada e complexa, como era e é a do negro no Brasil. Naquele momento, com esse estímulo, deve ter irrompido nele um postulado marxista fundamental: a vinculação indissolúvel entre teoria e prática, coração daquela que pôde ser chamada “filosofia da práxis”. Então, a sua forte impregnação marxista, que era uma linha ainda paralela, transformou-se numa espécie de dominante, que atuou como magneto, como poderoso magneto que lhe permitiu reordenar de maneira pessoal a contribuição de outras fontes, agora subordinadas: a durkheimiana, a weberiana, a funcionalista.

Neste processo é que me parece decisiva a pesquisa sobre o negro, que solicitava a passagem da reflexão acadêmica e da investigação neutra (que ele tinha praticado até então no quadro da Universidade) para a tomada de posição de tipo político, em face da iniquidade atroz que caracteriza a sua situação econômica e social. O Florestan Fernandes que emergiu da pesquisa da Unesco começava a ser o definitivo, isto é, o marxista aberto e pessoal, que integrou na sua fórmula de maneira coerente o ensinamento de outras teorias. Daí ter-se tornado não um marxista de carteirinha, daqueles que abundavam na nossa geração infectada de stalinismo e usavam a terminologia consagrada para distorcer a realidade segundo esquemas preestabelecidos. Mas um marxista original, capaz de ter visão própria do capitalismo, da burguesia, da luta de classes, da miséria, dos problemas educacionais no quadro concreto da realidade do seu tempo, no Brasil e na América Latina. Pode-se dizer que no marxismo pouco original dos brasileiros de então houve pelo menos duas obras de criação pessoal: a de Caio Prado Júnior e a de Florestan Fernandes. Mas elas decorreram de movimentos opostos. Enquanto a de Caio consistiu numa passagem da práxis à teoria, a

de Florestan consistiu numa passagem da teoria à práxis. Caio era um homem profundamente mergulhado na realidade do seu país, que conhecia em detalhe e sobre o qual fazia sem cessar observações *in loco* de geógrafo e economista. Este ponto de partida empírico o levou a perceber o perigo de “aplicar” ideias e diretrizes que não se ajustavam à nossa realidade, e isto é claro em *Formação do Brasil contemporâneo* na maneira pela qual estudou a escravidão como fato inerente à acumulação moderna do capital. Mas foi em *A revolução brasileira* que manifestou sistematicamente o seu marxismo aberto.

Florestan, ao contrário, era um homem que transformava sem cessar a realidade em matéria de reflexão e interpretação – contanto que tivesse previamente elaborado o instrumental teórico. Por isso, só quando estava saturado de teoria conseguiu chegar à posição de sociólogo empenhado em atuar politicamente segundo um espírito haurido no marxismo, construindo o que chamou “sociologia crítica e militante”.

Com estas palavras eu quis dar uma ideia esquemática da sua formação, como quem conviveu com ele durante cerca de dez anos como companheiro de trabalho na cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, regida por Fernando de Azevedo. E como amigo de toda a vida. Por isso, pude ver a formação do seu grande espírito e a construção da sua obra magistral, graças à qual se tornou sem dúvida um dos maiores sociólogos do mundo contemporâneo. Portanto, não espanta que tenha sido, como sempre afirmei, o eixo em torno do qual girou a Sociologia brasileira, em relação à qual exerceu uma função ímpar de instaurador, inclusive formando um grupo de especialistas da maior qualidade, aos quais imprimiu o rigor obstinado da sua concepção de trabalho intelectual. E também porque, diferente de muitos companheiros de geração formados em Ciências Sociais, inclusive eu, encarou a Sociologia como

ciência que requer dedicação exclusiva.

Em 1949 publiquei numa revista especializada em São Paulo um artigo em que dizia que a Sociologia podia ser três coisas: uma ciência, uma técnica social e um ponto de vista. Para muitos de nós, foi ponto de vista, que nos serviu para focalizar a literatura, a arte, o teatro, a história, para cujo cultivo exclusivo acabamos muitos de nós por transitar. O grande feito de Florestan, repito, foi desenvolver a Sociologia como ciência que exige concentração total, sem admitir as combinações de objeto de estudo, segundo a tradição brasileira. Por isso, ele foi a grande fonte de amadurecimento da Sociologia como ciência no Brasil, e de certo modo superou a noção de técnica social graças ao aproveitamento esclarecido do marxismo, que o levou a elaborar o conhecimento associado à ação. Ele foi sem dúvida o primeiro sociólogo “puro” da nossa geração, como Egon Schaden foi o primeiro antropólogo nas mesmas condições.

Isso posto, só resta terminar dizendo o que todos sabem: em Florestan Fernandes o Brasil perdeu um dos seus maiores intelectuais de todos os tempos, e nós perdemos um amigo incomparável, pela lealdade, pela solidariedade, pela generosidade, pela dedicação, que só tinham equivalentes na sua integridade e no seu destemor. Ainda bem que pudemos conviver com um grande homem desse porte.

Florestan Fernandes marxista*

É significativo e oportuno que seja prestada homenagem a Florestan Fernandes no quadro de um simpósio dedicado a celebrar o centenário da morte de Friedrich Engels, pois Florestan era um marxista convicto, embora não dogmático. Mesmo porque chegou ao marxismo no curso de um processo intelectual complexo, que não anulou, mas incorporou outras linhas teóricas. Basta dizer que ao mesmo tempo que estudava a obra de Marx, nos anos 1940, pautava a sua investigação pelos princípios do positivismo sociológico francês e do funcionalismo anglo-americano. Àquela altura, de um lado traduziu e fez uma sólida introdução à *Contribuição à crítica da economia política*, de Marx; de outro lado, usou o arsenal teórico do funcionalismo para desvendar a organização social dos tupinambá. Além disso, era militante no grupo trotskista liderado por Hermínio Sacchetta, que tentou em 1945 formar uma frente ampla com o nome de Coligação Democrática Radical, que não deu certo,

* Texto lido na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes, em 10 de novembro de 1995, no Simpósio realizado na Universidade de São Paulo em comemoração do centenário de morte de Friedrich Engels.

mas à qual o jovem Florestan dedicou muito esforço durante certo tempo. Diante disso, pode-se perguntar: era um eclético? Não. Em primeiro lugar, notem que estou descrevendo a fase inicial de uma formação que ainda não amadurecera por completo. Em segundo lugar, porque vendo as coisas de hoje percebe-se que estava explorando como socialista linhas teóricas de maneira, por assim dizer, paralela, acabando por extrair da sua interação uma visão coerente e flexível. Assim foi que ao cabo de certo número de anos o seu paralelismo teórico chegou ao que se poderia chamar de marxismo enriquecido, que foi a sua fórmula pessoal. Marx também explorou diferentes linhas, por vezes potencialmente conflitantes, como a economia liberal, inclusive a teoria de Ricardo, o radicalismo democrático francês, o materialismo filosófico alemão, e nem por isso foi eclético.

Florestan Fernandes pode, portanto, ser considerado um marxista de formação lenta e compósita, mas muito pessoal. O seu grande feito sob este aspecto consistiu em fundir harmoniosamente o rigor da sociologia acadêmica com a perspectiva política. Quando chegou a isto, estava pronto o Florestan Fernandes maduro, o Florestan Fernandes que instituiu no Brasil um novo tipo de sociologia, transformando a sociologia científica neutra em sociologia participante, sem perder nada do rigor metodológico e da objetividade na investigação. Creio que ele foi o primeiro e até hoje o maior praticante no Brasil desse tipo de ciência sociológica, que é ao mesmo tempo arsenal da práxis, fazendo o conhecimento deslizar para a crítica da sociedade e a teoria da sua transformação.

Isso lhe fez sentir a necessidade de um desfecho lógico, isto é, a militância política propriamente dita, que praticara na mocidade, depois deixara de lado e afinal retomou a partir de 1985, quando entrou para o Partido dos Trabalhadores e se tornou um político, amparado intelectualmente pela sua forte base teórica

e traduzindo o seu pensamento em nível coletivo pela atividade jornalística. Foi então que canalizou a sua prodigiosa cultura e a sua experiência intelectual para a reflexão sobre o cotidiano, tornando acessíveis a centenas de milhares de pessoas o ponto de vista socialista sobre os problemas do momento. Estava completa a sua trajetória, pois a práxis emergia depurada da farmácia sociológica e filosófica que montara com grande capacidade de síntese, mas uma síntese transfiguradora. Tendo começado com a escrita difícil para especialistas, própria da atividade universitária, acabou no jornalismo denso e límpido, feito para esclarecer o maior número possível de leitores, completando as etapas que definem um tipo muito fecundo de pensador socialista.

É importante assinalar que a consolidação da sua posição teórica, no decorrer dos anos 1960, veio dar maior coerência à sua atuação política. Desde moço ele se engajou no socialismo, mas depois que deixou de militar no pequeno grupo trotskista a que me referi, foi sobretudo um militante solitário *sui generis*, sem ligação partidária, embora, como eu disse certa vez, valendo por si só um partido, como se viu na sua luta pela escola pública, no desdobramento de seus estudos sobre o preconceito racial, no combate pela reforma educacional em todos os níveis, na análise radical da estrutura e do comportamento das classes. Dentro dos limites da minha pouca competência na matéria, penso poder dizer que o Florestan Fernandes que se consolidou a partir dos anos 1950 foi à sua maneira um verdadeiro marxista. Nunca esteve interessado em vazar os seus trabalhos na terminologia ortodoxa, nem em forçar a realidade para justificar teorias e palavras de ordem. Ele se movia dentro do marxismo, não apenas com liberdade, mas com uma consistência e uma fidelidade que resistiram a todas as vicissitudes pelas quais vem passando em nossos dias a herança de Marx e Engels. Na minha mocidade li um opúsculo alemão denominado *Por que os*

marxistas renegam. Ora, Florestan Fernandes foi dos que nunca renegaram, e a sua firmeza teórica e prática é uma verdadeira demonstração da vitalidade do pensamento marxista, objeto de tanta vacilação e tanta deserção no momento presente. Essa coerência, essa fidelidade correspondem à rara integridade que o caracterizava e lhe permitia inclusive não ter medo de estar fora da moda. Elas se manifestavam no seu comportamento em qualquer setor, e por isso quero terminar dizendo que elas se manifestavam de modo excepcional na amizade. Portanto, ainda sob este aspecto é oportuna a homenagem a ele no centenário da morte de Friedrich Engels, isto é, de um homem que soube ser um dos maiores amigos que a história registra.

Mensagem*

Sinto muito não poder participar pessoalmente desta homenagem a Florestan Fernandes, meu amigo, meu companheiro de partido, meu colega durante anos no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, no tempo em que ele foi um motor essencial e mesmo principal na definição, entre nós, da Sociologia como disciplina científica configurada.

A força da sua personalidade marcada pelo titanismo, a capacidade de trabalho, o alto senso do dever, a infatigável dedicação às tarefas fizeram dele desde cedo um líder intelectual notável, um orientador de obras e atitudes mentais das quais provieram algumas das realizações mais importantes da universidade brasileira. A sua inteligência era altíssima. A sua exigência intelectual era máxima. A sua intransigência profissional era absoluta. E não menos firme era a sua consciência política, no sentido amplo. De fato, ele foi sempre um militante, embora só tenha pertencido formalmente a agremiações políticas

* Texto lido (na ausência do autor) na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes promovida pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, em maio de 1996.

por um breve período na mocidade e nos últimos dez anos de vida. Mas foi sempre militante permanente e infatigável, com profunda visão ideológica da situação educacional, dos deveres universitários, da função da ciência, de problemas tão dramáticos quanto a situação do negro ou a opressão de classe. Não espanta ter sido socialista convicto e intransigente, orientado por uma visão revolucionária da história. Nobre orgulho, ambição nobre, coragem total, confiança em si, senso do social davam força à sua combatividade de inconformado.

A obra sociológica que construiu é das mais importantes do mundo contemporâneo. A sua imaginação veemente e a capacidade de discernir os temas essenciais para a investigação lhe permitiram ver os fatos da sociedade segundo os ângulos mais importantes, que eram por vezes também os mais inesperados, e mesmo alguns considerados inviáveis. Ninguém mais do que ele merece o qualificativo tão raramente bem atribuído de grande homem – porque viveu com indômita bravura, porque foi íntegro no caráter, na inteligência, na atuação, mas sobretudo porque soube pôr os seus raríssimos dons a serviço de grandes interesses coletivos, saindo de si para dar-se ao seu tempo.

É com emoção e respeito que me associo, como velho amigo e admirador irrestrito, a esse preito ao maior cientista social que o Brasil já produziu.

Nota final

Falando de Florestan Fernandes, é preciso assinalar que, além da obra de sociólogo e da ação de intelectual empenhado nos problemas do tempo, além da atividade de professor, de formador de equipe, de criador de rumos na teoria e na investigação, ele realizou outra obra não menos admirável: a construção de si mesmo.

Quem leu as entrevistas em que conta a sua infância e a sua adolescência, as duras batalhas travadas para sair da mais extrema pobreza e alcançar posições elevadas, impondo-se à opinião culta do país e do estrangeiro; quem leu tais entrevistas sabe de que esferas partiu e a que esferas chegou. Mas talvez não avalie o trabalho consciente de aperfeiçoamento pessoal, sob todos os aspectos, que caracterizou a sua vida.

Com efeito, armado desde menino para a campanha da sobrevivência difícil, ele manifestou frequentemente a sua energia por meio da combatividade e da intransigência dos lutadores íntegros, animado pelo “orgulho selvagem” – bela fórmula com que definiu a fibra que permitiu a ele e a sua mãe, a indomável dona Maria Fernandes, sobreviverem com dignidade e vencerem o mundo adverso.

É claro que isso não poderia deixar de trazer junto uma cota ponderável de “agressividade necessária”, que nesses casos é também blindagem. E ela podia motivar no jovem Florestan certa aspereza de trato, sempre que as coisas não andassem como esperava. Além disso, a preeminência cultural obtida a duras penas o levava por vezes à impaciência e ao excesso de sobrançeria. Assim, no campo das ideias e das realizações podia desqualificar com intolerância o que não correspondesse ao seu pensamento, pois este funcionava com um rigor que tendia a fazê-lo rejeitar o que não tivesse percorrido o mesmo e obstinado caminho. Daí rompantes nem sempre necessários, que surgiam de vez em quando e assustavam os povos...

Esse Florestan Fernandes juvenil foi, por assim dizer, a argila que ele próprio plasmou, aperfeiçoou, burilou até alcançar na maturidade uma forma de grande equilíbrio e sabedoria. E o mais notável foi que nesse processo ele nada perdeu da intransigência e da capacidade de indignação, pois soube fundi-las, de maneira harmoniosa, tanto com a tolerância e a urbanidade quanto com o senso do relativo, que incorporou à sua fórmula pessoal para chegar a um “estilo”. Por isso, digo que forjar a si mesmo foi também uma das suas obras. Além do intelectual criativo e do sábio aparelhadíssimo, além do militante indômito e do mestre cheio de inspiração, ele foi o escultor da personalidade harmoniosa, mas sempre ardente, que marcou a sua maturidade.

Não estou querendo, é claro, sugerir que Florestan Fernandes se tenha “domesticado” em benefício de um comportamento convencional. Quero sugerir que canalizou o temperamento explosivo de maneira a trocar o rompante pela energia serena, mas implacável quando era preciso; e a só desamarar a combatividade no momento oportuno. Foi como se tivesse adquirido um golpe de vista certo para avaliar quando e como era preciso saltar com pertinência a barreira do respeito humano. Assim, no

ano anterior ao de sua morte, em sessão meio solene e muito concorrida, eu o vi manifestar com serenidade cortante juízos devastadores e oportunos, envolvendo tabus locais e mesmo pessoas presentes, com uma franqueza viril que pareceu congelar a respiração do público numeroso. Mas, no fim, este rompeu em aplausos ante a sua bravura justiceira. Penso que este exemplo ilustra o que considero o seu amadurecimento harmonioso, obtido por meio da experiência de vida aproveitada com lucidez, de modo a combinar a força da paixão com a boa forma da conduta.

Ele foi, portanto, um homem excepcional sob todos os pontos de vista. Homem excepcional cuja semente alguns vislumbraram imediatamente sob o verdor meio agreste do rapaz cheio de vibrante flama, que conhecemos na Universidade de São Paulo no começo dos anos 1940 e já deixava entrever o destino de rara grandeza que seria o seu. Foram aquela semente e esse fruto que desejei evocar, procurando caracterizar o perfil intelectual e moral de um homem que sempre estimei e admirei, como a um dos mais nobres que conheci.

Apêndice

Um militante incansável*

Vou tratar do início da vida política de Florestan Fernandes e, mais amplamente, de sua militância, porque nele a militância não se restringia ao aspecto puramente político. Aceitei essa tarefa com prazer, porque era preciso o pronunciamento de alguém da geração de Florestan, coisa que vai ficando cada vez mais rara. Ele era um pouco mais moço do que eu, mas fomos companheiros de vida universitária e somos da mesma geração intelectual. Tentarei lembrar alguns aspectos importantes daquele tempo, sem ter certeza de não cometer erros ou fazer omissões, pois o tempo decorrido é muito grande.

Não saberia dizer quando começou exatamente a militância política de Florestan Fernandes. Tenho a impressão de que, quando nos conhecemos, ali por 1943, ele não se interessava muito por política. Estava interessado, sobretudo, na sua vida intelectual, pois estava construindo com grande energia e esforço a sua notável plataforma cultural. Nós não falávamos de política, disso

* Este texto foi publicado em MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo, Centro Universitário Maria Antonia/USP e Boitempo, 1998, p. 38-45.

eu tenho certeza; concluo que se ele tivesse alguma atividade nesse setor falaríamos dela, porque eu já tinha. Lembro-me, por exemplo, de uma conversa significativa, ocorrida ali por 1943, na redação do jornal *Folha da Manhã*, cujo secretário, um jornalista muito brilhante, Hermínio Sacchetta, era trotskista. Sacchetta havia sido secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro em São Paulo, mas a certa altura havia rompido com ele e adotado as posições da IV Internacional. Nessa conversa eu manifestava muito sectarismo, Sacchetta também, e Florestan nos contestava. Eu estava me iniciando a sério no marxismo, passava por uma espécie de lua de mel com a política, e por isso exagerava as posições. Afirmava, por exemplo, que, para analisar a vida cultural, não só o marxismo era necessário, como os partidos políticos que o adotavam detinham a verdade. Doutrina extremamente perigosa, que vimos no que deu. Florestan contestava com uma posição de muito maior liberdade, reivindicando o descompromisso do conhecimento. Essa é a primeira lembrança que tenho de discussão política com ele, e não me lembro de mais nada a respeito.

Tenho a impressão de que a convivência de Florestan com Hermínio Sacchetta deve ter sido decisiva para ele adquirir uma consciência política definida e passar à ação. Em 1944, por exemplo, Sacchetta imaginou e dirigiu uma coleção muito interessante de estudos marxistas numa editora que infelizmente durou pouco, a Editora Flama. Essa coleção publicou livros como *A miséria da filosofia* e *Contribuição à crítica da economia política*, de Marx, *A questão agrária*, de Karl Kautski, *Reforma ou revolução*, de Rosa Luxemburgo, e coisas assim. Sacchetta encarregou Florestan de traduzir e prefaciar *Contribuição à crítica da economia política*. Sempre dentro dos limites da memória e das impressões, creio que esse foi o primeiro grande ato político de Florestan. Apesar de ser um rapaz de 25 anos, fez

uma introdução erudita e penetrante, com grande conhecimento da matéria, denotando iniciação segura nesses temas, o que leva a crer que já possuía alguma formação marxista anterior, embora com certeza recente. É uma suposição.

Para formar o contraste, devo dizer que naquela altura, 1943/44, eu estava em uma posição política diferente, militando em pequenos grupos clandestinos contra a ditadura do Estado Novo, ligado sobretudo a colegas da Faculdade de Direito, onde fui estudante até 1943. Éramos um grupo de rapazes liberais e socialistas. Nós, os socialistas, tínhamos uma característica: não aderimos nem ao stalinismo nem ao trotskismo, que eram as correntes dominantes daquele tempo. Por influência de Paulo Emílio Salles Gomes, que foi o meu guru, comecei a vida política sem ligação com nenhuma das correntes, sendo a stalinista muito forte e a trotskista, fraca. Eu tinha boas relações com pessoas da corrente trotskista, que em geral eram cultas e lúcidas.

Ora, ali por 1944 é possível que Florestan já tivesse aderido ao trotskismo, e quem sabe por causa disso não tivemos muito diálogo, pois eu estava em posição que ele talvez considerasse de tipo reformista. Um caso pitoresco: anos atrás eu disse a ele: “No PT você está mais à esquerda e eu mais à direita”. Ele retrucou: “Não use essa palavra a seu respeito!”. E eu: “Não estou dizendo que sou de direita, mas que, num partido de esquerda, estou mais à direita”. Mas ele insistiu, agastado: “Não use essa palavra!”. Voltando ao passado, imagino que, no momento em que começou a se interessar por política, já estava numa posição mais radical do que a minha.

Em 1945, quando veio o que se chamou também “abertura democrática”, tão relativa quanto a de hoje, todos saíram da sombra, os agrupamentos clandestinos vieram à luz, começaram a se decantar os grupos. Nós, por exemplo, nos separamos dos companheiros liberais, que foram para a UDN (União Demo-

crática Nacional), e fundamos sob a liderança de Paulo Emílio um pequeno grupo chamado União Democrática Socialista, UDS. Naquele momento houve muita política de frente única e Hermínio Sacchetta inspirou uma delas, denominada Coligação Democrática Radical, tentativa de construir uma grande frente, compreensiva o bastante para abranger pessoas de várias tendências, identificadas pela reivindicação da legalidade democrática como meta imediata. Mas o miolo intencional era socialista de inspiração trotskista. Florestan trabalhou bastante nela, com o ardor que punha em qualquer tarefa. O manifesto, que tive até pouco tempo e infelizmente perdi, foi assinado por pessoas bastante expressivas do meio cultural de São Paulo – professores universitários, estudantes, jornalistas. Naquele momento, houve de modo passageiro uma espécie de “esquerdização” da classe média, de modo que a Coligação parecia uma coisa que ia ter muito vulto; mas, na verdade, acabou de repente sem deixar rastro.

Aquele foi um tempo de grandes esperanças, e quando penso nos moços de hoje tenho um pouco de pena deles, porque acho que não viveram as expectativas eufóricas (e enganadoras) do meu tempo. Quando acabou a guerra, tínhamos a convicção de que o socialismo ia se instaurar; que, devido à vitória comum contra o nazismo, a União Soviética ia se liberalizar e se democratizar, enquanto os Estados Unidos, a Inglaterra, a França iam se socializar. Eles se encontrariam no meio do caminho e nós teríamos a felicidade na Terra! Caricaturando um pouco, no fundo era essa a nossa posição, posição de grande esperança, uma esperança que nos animava, nos transportava acima de nós mesmos, e todos sabem que, sem grandes ideais, a gente não se transporta acima de si. Sou de uma geração que se transportou acima de si mesma, graças a essa esperança, que foi logo cortada pela Guerra Fria. À vista disso, não espanta que houvesse tenta-

tivas de amplas frentes congregadoras, e que pessoas de várias tendências se unissem, num esforço de boa vontade. Liberais, democratas, socialistas marxistas e não marxistas se uniram na Coligação Democrática Radical. Ela foi uma dessas tentativas generosas, típicas daquele momento, e nela Florestan militou bastante, embora brevemente. Como a Coligação não teve a vigência e a importância que se esperava, não sei qual passou a ser em seguida a atividade política dele. Não conversávamos sobre isso, e o que posso dizer é que ele não pertenceu à minha esfera política, que depois da legalidade foi a UDS, a qual entrou em seguida para a Esquerda Democrática, fundada em agosto de 1945 e transformada em Partido Socialista Brasileiro em meados de 1947. Ele não pertencia também à esfera do Partido Comunista, e não sei se militou efetivamente no pequeno agrupamento trotskista, liderado por Sacchetta, do qual lembro que fazia parte o jornalista José Stacchino. Mas há uma coisa curiosa, na qual tenho pensado: naquele tempo o Partido Comunista era forte, e o meu grupo era contra porque, para nós, ele era o stalinismo, a nosso ver uma deturpação do socialismo. Isso podia ser penoso porque a imprensa dos comunistas era poderosa e dizia o diabo de nós. Não era fácil. Os stalinistas chegavam a nos negar cumprimento em muitos casos, porque havia um famoso artigo 15 dos estatutos do seu partido que proibia manter mesmo relações de simples cortesia com “inimigos do povo”, como fascistas, trotskistas, social-traidores... Era penoso cumprimentar um conhecido e vê-lo virar a cara – exemplo que sugere o quanto era difícil uma atitude independente dentro da esquerda. No entanto, Florestan sempre teve amigos no Partido Comunista e, ao que eu saiba, nunca foi alvo de restrição por parte deles, mesmo naqueles tempos em que, para os comunistas, todos nós, não stalinistas, éramos chamados trotskistas, um dos piores xingos que podia haver. Muitos comunistas mais desinformados nem sabiam direito

o que significava essa palavra, e imaginavam que se tratava de sinônimo de salafrário, policial, delator ou coisa parecida. Muitos até falavam “trutikista”, “troskista”, “trukitista”. Isso gerou muita confusão e há gente que pensa até hoje que meus amigos e eu éramos seguidores de Trotski, quando na verdade a nossa posição consistia em rejeitar tanto o stalinismo quanto o trotskismo. Mas, repito, apesar de ser efetivamente trotskista, Florestan nunca sofreu qualquer restrição, pelo menos ao que eu saiba. Provavelmente porque sua militância ostensiva tinha sido curta e se dado numa organização de frente única, e também porque, depois disso, não se inscreveu em nenhum grupo político. E, sobretudo, porque não pertencia ao nosso Partido Socialista, execrado pelos comunistas e classificado por um prócer deles, de São Paulo, como “cambada de trotskistas”. (De fato, muitos dos nossos companheiros haviam sido militantes da IV Internacional.)

Fazendo uma digressão que me parece oportuna, quero lembrar que, naquele tempo, os intelectuais estavam politicamente muito definidos e, em parte, arregimentados. Nós, isto é, as pessoas de minha idade, somos fruto da década de 1930, que foi, no mundo e no Brasil, uma década de radicalização. Foi a década da oposição direita–esquerda, fascismo–comunismo: a pessoa era levada a optar. Antes disso, no Brasil, os intelectuais não tinham necessidade de optar. Ninguém lhes cobrava isso. A partir de 1930, a coisa mudou e eles passaram a se definir como liberais, ou fascistas, ou socialistas, ou anarquistas. A maioria dos intelectuais da minha geração passou a manifestar suas posições, condicionados pela radicalização geral do período. Nós nos sentíamos diminuídos se não assumíssemos uma atitude política definida, e Paulo Emílio chegava a dizer que era melhor ser claramente de direita do que não ser nada.

Isso influenciou diretamente na vida associativa, suscitando organizações das quais a mais importante, no meu tempo, foi a

Associação Brasileira de Escritores, a ABDE, fundada no Rio de Janeiro, em 1942, com a finalidade ostensiva de reunir os escritores na defesa dos direitos autorais que, naquele tempo, eram massacrados no Brasil. Mas essa associação tinha, em segundo plano, a finalidade de combater o Estado Novo. Ela se estendeu imediatamente a São Paulo e eu participei da primeira reunião preparatória, na qual estavam presentes Mário de Andrade, Oswald Andrade, Sérgio Milliet, Mário da Silva Brito, Abguar Bastos, creio que Lourival Gomes Machado e mais alguns dos quais não me lembro. Na primeira diretoria, Sérgio Milliet foi presidente e eu segundo secretário. Militávamos por meio dessa associação, cujo feito maior foi a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, na cidade de São Paulo, em janeiro de 1945. Fez-se um manifesto final pedindo a volta das liberdades democráticas, que os jornais não puderam publicar devido à censura. Então foram impressos milhares de volantes, que se difundiram por diversos meios. Essa ABDE continuou até pouco depois de 1950, quando houve uma cisão entre comunistas e não comunistas por causa da Guerra Fria. A reunião dos grupos opostos só se deu muito mais tarde, por iniciativa de Paulo Duarte.

Ora, Florestan nunca participou ativamente da ABDE, embora devesse ser sócio inscrito. E talvez já fosse uma manifestação do que se poderia chamar a sua militância individualista, que o manteve afastado das organizações (embora sempre ativo na luta em caráter pessoal) até inscrever-se no Partido dos Trabalhadores em meados do decênio de 1980. Uma vez eu disse a ele: “Você, Florestan, não precisa pertencer a partido nenhum, porque você é por si só um partido”. De fato, ele assim era, com sua dificuldade de se arregimentar, sua capacidade de agir exemplarmente e sua energia ciclópica.

Com isso fecho a digressão a fim de chegar onde quero: não é essencial, para entender a personalidade de Florestan, saber se

estava ou não na ABDE, ou no Partido Socialista, ou se atuava em alguma pequena organização trotskista. O importante é que bem cedo ele começou a desenvolver uma atitude de militância em relação a qualquer problema. Não se tratava de uma militância condicionada por determinada palavra de ordem partidária, mas de uma militância ligada à consciência que ele tinha da necessidade de o intelectual intervir nas grandes questões de seu tempo. Essa é, a meu ver, a grande militância de Florestan Fernandes. Por isso não participou de nenhum agrupamento entre meados do decênio de 1940 e meados do decênio de 1980, quarenta anos em que lutou, à sua maneira, nas mais diversas frentes, e amadureceu sua posição política.

Nesse longo período, aos poucos, à medida que construía uma obra monumental no campo da Sociologia, penso que o marxismo foi se tornando uma fonte intelectual cada vez mais presente e atuante de seu pensamento. Falando certa vez sobre Florestan, eu disse que, durante muito tempo, na sua composição intelectual, o marxismo foi uma espécie de “rio subterrâneo”, por baixo da estrada acadêmica na qual andava, incorporando criticamente Durkheim, Max Weber, Mannheim etc. Num certo momento o marxismo aflorou na estrada e toda aquela formação convergiu com ele para formar o pensamento extremamente pessoal de Florestan na sua fase madura. Ele costumava dizer e escrever que era marxista-leninista. Mas acho, por motivos que não cabe agora expor, que marxista-leninista só russo pode ser, assim como maoísta, só chinês, e castrista, só cubano. A força de Florestan consiste em ter chegado a um modo pessoal de ser marxista, mostrando que o marxismo tem uma força extraordinária de aglutinação e flexibilização que lhe permite enfrentar as diferentes realidades, dando as respostas específicas que cada uma requer. A realidade brasileira é diferente das outras, e a força de Florestan, como a de Caio Prado Jr., foi ter percebido

que o marxismo é um instrumento para analisar de determinada maneira a situação do seu país, e não uma fórmula invariável a ser aplicada a qualquer contexto.

Isso se deu na vida de Florestan pelo encontro de uma sólida sociologia acadêmica e de uma profunda formação filosófico-social com o marxismo. Foi então que se definiu o que ele chamava “sociologia crítica”, uma sociologia capaz de traduzir-se em ação, que fez dele o homem das grandes lutas pelas grandes causas: situação atroz do negro, escola pública, reforma universitária. Essa foi a sua militância pessoal, inspirando o esforço de outros – a militância que fez dele um homem que esposava todas as causas importantes que requeriam bravura, lucidez e ânimo combativo. Florestan foi sempre um homem na linha de frente. Sua entrada no Partido dos Trabalhadores nada mais foi do que o coroamento dessa longa batalha como militante político.

A vida de Florestan Fernandes tem um valor realmente exemplar, porque ele foi um dos raros intelectuais a superar completamente o hiato que existe, quase sempre, entre a vida ativa e a vida do pensamento. Ele nunca foi revolucionário de gabinete, porque foi sempre um homem que canalizou para a transformação da sociedade o marxismo, a Sociologia e a Antropologia, usando-os para forjar uma posição própria que lhe permitiu atuar com eficácia na sua época, na sua sociedade e na sua instituição, a Universidade de São Paulo. Foi nela que Florestan desenvolveu e amadureceu o seu ponto de vista. Eu diria, portanto, que o começo de sua militância não é o mais importante. Mais importante é ele ter sido um militante permanente que, de certo modo, coroou as nossas aspirações radicais surgidas no decênio de 1930. E o seu corte exemplar é devido em parte ao fato de ter tido sempre, a vida toda, a capacidade de criar o escândalo construtivo.

Não há grande militante sem a capacidade de criar escândalo. E o escândalo se cria de várias maneiras. Por exemplo: conta-se que certa vez Murilo Mendes ouvia um concerto com obras de Mozart no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Mas o concerto lhe pareceu muito ruim, e então, como admirador ofendido de Mozart, abriu de estalo o guarda-chuva em plena plateia, onde estava... Imaginem o susto geral... Essas são as pessoas capazes de criar o escândalo reparador, e essa qualidade rara Florestan possuiu durante toda sua vida, até o fim. Ele dizia o que tinha a dizer, na hora certa e a quem fosse preciso, e por isso pôde dar à ação um impacto de que é raro encontrar equivalente. A razão profunda disso é que ele era uma personalidade antiburguesa por excelência, para quem não existia o freio das “conveniências” e do “respeito humano”, quando coisas essenciais estavam em jogo. Ao mesmo tempo, Florestan era rigoroso nos deveres sociais, largamente hospitaleiro, de bela aparência, fino e bem vestido, e, na parte madura da vida, tolerante. Mas, sobretudo, foi, repito, radicalmente antiburguês. Era um homem que queria a superação das convenções, a limpeza das velharias consagradas, porque vivia em busca daquilo que permitiria a transformação revolucionária da sociedade. Nesse sentido é que digo: o grande homem Florestan Fernandes foi essencialmente, a vida toda, um militante incansável.

A 2ª edição do livro *Florestan Fernandes* foi impresso na cidade de São Paulo em julho de 2025, pela gráfica Aero Gráfica para a Fundação Perseu Abramo. A tiragem foi de 300 exemplares. O texto foi composto em Times New Roman, corpo 10/13,5.

A capa foi impressa em Cartão Supremo 250g e o miolo foi impresso em Avena 80g



Antonio Candido, (1918-2017) foi professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Publicou diversos livros, entre os quais Formação da literatura brasileira (1959), Os parceiros do Rio Bonito (1964), Literatura e sociedade (1965) e O discurso e a cidade (1993). Foi presidente do Conselho Editorial da Editora Fundação Perseu Abramo.



Testemunho pungente e evocação de amizade, os textos aqui reunidos resgatam meio século de laços e vínculos de uma trajetória compartilhada por dois intelectuais militantes engajados nos embates do seu tempo.

“A geração à qual pertenço não seria a mesma sem a sua presença e influência. Eu mesmo não seria o mesmo se a vida não me pusesse em contato com Antonio Candido, o seu carinho, a sua severidade íntegra, a sua modéstia e orgulho intelectual – enfim, a sua personalidade de educador, que se irradia irresistível, como uma exigência de perfeição e de compromisso crítico”, diria Florestan sobre aquele que chamou de “mestre exemplar” e “humanista visceral, polido e radicalizado pela prática socialista”.

Este livro constitui a memória e o balanço da relação emblemática e fecunda entre Antonio Candido e Florestan Fernandes, companheiros fraternos que abraçaram o socialismo na esperança de que, por meio dos trabalhadores e dos humildes, o Brasil possa superar suas tragédias de exclusão e injustiça social.

VLADIMIR SACCHETTA